



**UNIVERSIDADE FEDERAL FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

LICIANE TERESINHA DEMOLINER

**VONTADE DE POTÊNCIA: ESSÊNCIA E NECESSIDADE PARA A EXISTÊNCIA
HUMANA SEGUNDO NIETZSCHE.**

ERECHIM

2016

LICIANE TERESINHA DEMOLINER

**VONTADE DE POTÊNCIA: ESSÊNCIA E NECESSIDADE PARA A EXISTÊNCIA
HUMANA SEGUNDO NIETZSCHE.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciatura em Filosofia da
Universidade Federal Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Alcione Roberto Roani.

ERECHIM

2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Demoliner, Liciane Teresinha

Vontade de Potência: essência e necessidade para a existência humana segundo Nietzsche/ Liciane Teresinha Demoliner. -- 2016.

57 f.

Orientador: Alcione Roberto Roani.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de FILOSOFIA , Erechim, RS , 2016.

1. Vontade de Potência. 2. Existência humana. I. Roani, Alcione Roberto, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LICIANE TERESINHA DEMOLINER

VONTADE DE POTÊNCIA: ESSÊNCIA E NECESSIDADE PARA A EXISTÊNCIA
HUMANA SEGUNDO NIETZSCHE.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau em licenciatura em Filosofia da Universidade Federal Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me Alcione Roberto Roani

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me Alcione Roberto Roani - UFFS

Prof.^a Dr.^a Joice Beatriz da Costa - UFFS

Prof. Dr. Ricardo Lavalhos Dal Forno - UFFS

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, a todos os meus amigos e aos professores que contribuíram para o meu sucesso.

Agradeço primeiramente a meu pai, Luciano, minha mãe Tereza, que estiveram sempre presentes apoiando e dando forças para que eu continuasse na luta durante mais essa etapa da minha vida. Sempre senti segurança para continuar. Um agradecimento especial ao meu marido Claudemir e ao meu filho Giovane que compartilharam comigo esse momento, foram muito pacientes em minhas ausências e ajudaram bastante dando dicas e apoio moral para o desenvolvimento deste e de todos os outros trabalhos da Universidade. Agradeço também aos professores, aos amigos e colegas da Universidade que sempre torceram por mim e apoiaram no decorrer da Universidade. Agradeço ao meu orientador Me. Alcione Roberto Roani, por gentilmente ter ajudado e guiado no decorrer deste trabalho, dando todo o suporte necessário. Obrigada também ao meu irmão Lindomar, a minha cunhada Joziane e a minha nora Raquel que sempre apoiaram. Um agradecimento especial à amiga-irmã Natalie pelo incentivo, apoio e carinho sem ela não teria iniciado essa caminhada. Enfim, muito obrigada a todos que apoiaram mais esta jornada!

Mein Glück
Seit ich des Suchens müde ward,
Erlernte ich das Finden.
Seit mir in Wind hielt Windepart,
Segl' ich Mit Allen Winden.

Minha Felicidade
Depois que cansei de procurar
Aprendi a encontrar.
Depois que um vento me opôs resistência
Velejo com todos os ventos.
(NIETZSCHE, 2012, p.17)

RESUMO

O presente trabalho têm como objetivo analisar o conceito de Vontade de Potência enquanto base da Filosofia Niilista de Nietzsche. O trabalho consiste em uma reconstrução histórica e filosófica para melhor compreender os elementos presentes no processo de sua construção a partir de três momentos retratados pelas obras do próprio Nietzsche: *A Origem da Tragédia Proveniente do Espírito da Música*, *A Gaia Ciência e Assim Falou Zaratustra*. Serão analisadas as variações sofridas entre as três fases em que perpassa a Filosofia Niilista de Nietzsche e as principais influências que a sua filosofia incorporou em cada uma das fases, além de destacar a importância delas para a formulação do conceito basilar de Vontade de Potência. Nietzsche sofreu diversas influências, dentre elas podem ser destacadas: a Filosofia Antiga, a Filosofia de Schopenhauer, a música e a amizade de Richard Wagner, a família e a religiosidade. Em sua Filosofia Niilista Nietzsche incorpora temas como amor *fati*, o super-homem, a morte de deus, o eterno retorno. O niilismo como forma de descoberta do ser humano encontrar a sua própria Vontade de Potência como uma condição capaz de criar, transformar, construir, agir e mudar a sua existência e a existência das futuras gerações. A Vontade de Potência é o conceito principal da Filosofia Niilista de Nietzsche e perpassa todas as suas obras. Para Nietzsche Vontade de Potência é a vida pulsante e desejada onde o ser humano busca não só superar os maus momentos, mas consegue se libertar dos velhos conceitos e ideologias, das falsas moralidades e das crenças.

Palavras Chaves: Vontade de Potência. Vida. Superação. Existência. Niilismo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the concept of Will to Power as the basis of the Nihilist philosophy of Nietzsche. The work consists of a historical and philosophical reconstruction to better understand the elements present in the process of its construction from three times portrayed by the works of Nietzsche himself: *The Origin of Tragedy from the Spirit of Music*, *The Gay Science* and *Thus Spake Zarathustra*. variations will be analyzed suffered among the three phases in which pervades the Nihilist philosophy of Nietzsche and the main influences his philosophy incorporated in each of the stages, and highlight their importance to the formulation of the basic concept of Will to Power. Nietzsche suffered various influences, among which can be highlighted: the Ancient Philosophy, Schopenhauer's philosophy, music and friendship of Richard Wagner, the family and religion. In his Nihilist Philosophy Nietzsche incorporates themes of love fati, Superman, the god of death, the eternal return. Nihilism as a means of discovery of human find their own Will to Power as a condition able to create, transform, build, act and change its existence and the existence of future generations. The Power of Will is the main concept of the Nihilist philosophy of Nietzsche and runs through all his works. For Nietzsche Will to Power is the pulsating and desired life where the human being can not only overcome the bad times, but you can get rid of the old concepts and ideologies, false morals and beliefs.

Key words: Power Will. Life. Overrun. Existence. Nihilism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	As Influências na Filosofia Niilista de Nietzsche	13
2.1	A vida universitária de Nietzsche: a influência de Schopenhauer à Tragédia.....	16
2.1.1	Dualidade Apolíneo-Dionisíaco	22
2.1.2	Preâmbulo da Vontade de Potência.....	26
2.2	A Influência da ruptura com Wagner e Schopenhauer no conceito de Vontade de Potência	28
2.3	A influência da doença	32
3	A morte de deus e a sua contribuição para a construção filosófica da Vontade de Potência.....	36
3.1	Relação entre Vontade de Potência e amor <i>fati</i>	37
3.2	A Modernidade, o ser humano e a Vontade de Potência	39
3.3	A condição humana diante da Vontade de Potência e o super-homem	43
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
5	REFERÊNCIAS	53
6	ANEXOS A	57

1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores dificuldades para o ser humano é compreender a vida, a existência e tentar responder a pergunta sobre sua origem. E a segunda maior dificuldade é o mistério da morte e responder para onde vamos. Vida e morte andam lado a lado em todos os seres vivos, fazem parte do cotidiano da vida humana, mesmo opostos um do outro, em dado momento a vida encontra a morte, seja ela na perda de um ente querido ou a sua própria. A vida amedronta e paralisa, a morte apavora o ser humano. Mesmo sem compreender a vida ou como ela surge e acaba, ela é que move o ser humano em sua existência. O que faz o ser humano levantar pela manhã, tomar decisões, trabalhar, constituir família viver em sociedade... A vida são lutas e buscas diárias por algo que possa suprir necessidades para se viver bem. É complicado compreender a vida e, muito mais difícil é decifrar a morte e ao mesmo tempo aceitá-la como algo tão natural quanto à vida. O ser humano buscou atenuar o medo da morte criando expectativas de que possa existir algo além da vida, criaram-se dogmas, religiões, deuses, conceito morais como se pudesse haver verdades absolutas. Seja a vida ou a morte o certo é que existe algo que move o ser humano, as vontades, desejos, sonhos, a necessidade de ser aceito pela sociedade ou pelo mundo. Segundo Nietzsche Vontade de Potência é essência e necessidade para a existência humana.

A Vontade de Potência é tema principal da Filosofia Niilista de Nietzsche é complexo porque busca quebrar paradigmas, romper com as velhas ideologias morais introduzidas na sociedade moderna. Através da Filosofia Niilista Nietzsche apresenta uma nova forma de ver a posição do ser humano perante a sua existência e ao mundo. Nietzsche já previa uma nova forma de relação do ser humano com o mundo e da sua relação com a sociedade. Segundo Nietzsche é a Vontade de Potência que move o ser humano em toda a sua existência. A Vontade de Potência é algo que está no ser humano desde sempre. Vontade de Potência é a vida que faz o ser humano comandar o seu eu, o seu existir e o mundo.

É um tema de suma relevância filosófica, pois a partir da Vontade de Potência, base da Filosofia Niilista de Nietzsche ocorre uma nova forma de compreensão do ser humano sobre a sua própria existência. Onde o ser humano passa a buscar uma nova forma de interpretar e viver a vida de forma completa, sem medo de viver.

O primeiro capítulo aborda as influências que Nietzsche sofreu desde a sua infância até a suas obras e que marcaram sua Filosofia Niilista. Através dessas influências Nietzsche desenvolveu reflexões complexas e marcantes para a Filosofia, mas todas direcionadas a interpretação da vida e dos valores morais e éticos. Encontram-se influências da família e da

religião, da morte, a filosofia antiga, a música de Richard Wagner e a filosofia de Schopenhauer. Uma pequena reconstrução histórica da sua infância dos seus gostos, suas dores, suas descobertas, mas principalmente suas habilidades como escritor. A primeira fase da vida e do surgimento do músico, poeta e filósofo. Em sua primeira obra *A Origem da Tragédia* através das personificações dos deuses Apolo e Dionísio Nietzsche inicia uma revolução filosófica através da poesia lírica e da música. Onde a tragédia passa a ser compreendida por ele como inovação e passa a representar a Potência criativa do ser humano.

O segundo capítulo direciona-se primeiramente à segunda fase do pensamento de Nietzsche, nessa fase ocorre à ruptura de Nietzsche com a filosofia de Schopenhauer e com Richard Wagner. Devido a sua doença Nietzsche se afasta do trabalho e se dedica a segunda obra *A Gaia Ciência*, mas não a ciência mecanicista, mas sim uma ciência direcionada. Onde o ser humano inicia a busca por uma identidade própria através de reflexões sobre si, a busca pelo seu Eu, a Vontade de Potência representada como a busca pelo seu autoconhecimento, para conseguir se interpretar e compreender o que o cerca.

Nesse capítulo trata-se, ainda da terceira fase através da obra *Assim Falou Zaratustra*, onde Nietzsche apresenta o personagem Zaratustra, que supera o niilismo moral e metafísico. Através desse personagem, Nietzsche introduz o conceito de Vontade de Potência como vida, ou seja, a essência de vida. Vontade de Potência às vezes traduzida como Vontade de Poder, essa Vontade deve ser entendida com potencial de crescer, pois onde há vida, existe Vontade de ascender, de se superar. Nesse capítulo busca-se a compreensão e a importância do conceito de Vontade de Potência através de uma construção diante de temas polêmicos, que Nietzsche introduziu e discute também em suas obras, mas que todos se direcionavam a uma única base de reflexão filosófica a Vontade de Potência.

O trabalho está estruturado em dois capítulos, nos quais, busca-se através de uma reconstrução histórica através da leitura e análise de três obras distintas de Nietzsche a saber: *A Origem da Tragédia proveniente do Espírito da Música*, *A Gaia Ciência* e *Assim Falou Zaratustra*, pois essas obras são referenciais como pontos estratégicos de cada fase do pensamento de Nietzsche. Através dessas obras pretende-se compreender o conceito basilar de toda a Filosofia Niilista de Nietzsche, Vontade de Potência como vida, a essência e a necessidade do ser humano.

2 As Influências na Filosofia Niilista de Nietzsche

A Filosofia Niilista de Nietzsche¹ é instigante, por esse motivo seus escritos são inspirações para inúmeros trabalhos. Muitos desses trabalhos destacam que a Filosofia Niilista² de Nietzsche comporta uma bagagem de influências bem diversificada. Influências estas que se destacam ao longo de suas obras, em especial, no tema central de todas elas, a saber, a Vontade de Potência³ tema este suscetível a inúmeras interpretações⁴.

Através de suas obras⁵ Nietzsche derrubou paradigmas, transcendeu o seu próprio tempo, criou e ainda cria polêmicas, rompendo barreiras e construindo um princípio chave para toda a Filosofia contemporânea. Para melhor compreender a fundamentação do conceito de Vontade de Potência, bem como o processo de sua formulação e a importância dos principais conceitos como: a morte de deus, o super-homem, o niilismo, o eterno retorno e amor *fati*, que compõe essa base filosófica, é necessário identificar as possíveis variações sofridas entre as três fases⁶, que o conceito perpassa na Filosofia Niilista de Nietzsche. O presente trabalho pretende desenvolver uma reconstrução sobre o processo da construção e da fundamentação da Vontade de Potência a fim de compreender a sua importância e a introdução das suas reflexões filosóficas, através das influências que Nietzsche apresenta em sua filosofia, a saber: A Filosofia Antiga, a filosofia de Schopenhauer e a música de Wagner.

¹ Friedrich Nietzsche nascido em 15 de outubro de 1844 em Röcken, na Alemanha, filho e neto de pastores protestantes, cresceu praticamente direcionado para a mesma profissão. Tornou-se um bom conhecedor e estudioso das Sagradas Escrituras. O ano de 1849, aos cinco anos sua vida é marcada pela morte de seu pai, mesmo pequeno sofreu muito com essa perda, sendo despertado para a maturidade de forma abrupta, veio a mudança de cidade e de casa, o mundo se torna um estranho, a figura paterna que lhe era preciosa, passa a fazer parte de um passado. No ano seguinte 1850 a morte do seu irmão mais novo. No ano de 1858 a morte da avó e da tia em poucos meses de diferença, que são descritos em sua autobiografia com muito sofrimento e com paixão.

² Filosofia Niilista é uma doutrina filosófica que indica um pessimismo e ceticismo extremos perante qualquer situação ou realidade possível, consistem na negação de princípios religiosos, políticos e sociais.

³ Neste texto optou-se por utilizar a tradução por Vontade de Potência (*wille zur macht*) conforme tradução utilizada no livro *A Doutrina da Vontade de Potência* de Wolfgang Muller-Lauter, buscando não induzir ao leitor tomar o vocábulo “poder” para não torná-lo no sentido político, “domínio”.

⁴ Inúmeras interpretações: um princípio metafísico, uma ficção reguladora, uma tese cosmológica, uma tese psicológica ou a chave para uma filosofia antimetafísica. (Itaparica, A.L. M. Relativismo e circularidade: Vontade de Potência como interpretação. *Cadernos Nietzsche*, n. 27, 2010).

⁵ *A origem da Tragédia Proveniente do Espírito da Música, A Gaia Ciência e Assim Falou Zaratustra* obras estas usadas como referências para análise deste trabalho, por ser referência entre as três fases do pensamento de Nietzsche.

⁶ Segundo Pereira, R. R. *A importância de ubiquidade de Vontade de Potência para o perspectivismo de Nietzsche*. A Filosofia de Nietzsche é dividida em três fases: a primeira inicia-se a partir da obra *O Nascimento da Tragédia do Espírito da Música* (1873) até *Humano, Demasiadamente Humano* (1878). A segunda da fase inicia-se com a publicação de *Aurora* (1881), estendendo-se até *A Gaia Ciência* (1882) e a terceira e última de *Assim falou Zaratustra* (1883), até a sua morte e obras Póstumas. (Conforme anexo A).

Ao longo de suas obras é possível identificar as diversas influências e a transformação das mesmas em reflexões, as quais sofrem mudanças conforme as fases (Anexo A). Onde o ser humano e a vida são reverenciados, onde a vida é o centro da existência, onde o ser humano encontra conhecimento, cria suas próprias verdades, ou seja, acima de tudo supera suas próprias criações. A partir desse momento torna-se senhor das suas ideias, senhor de seu destino e busca o conhecimento sem o idealismo metafísico⁷.

Na construção de suas obras encontram-se influências diversas desde aspectos religiosos até a influência da Filosofia Antiga, principalmente a mitologia grega na personificação de Apolo e Dionísio⁸. Encontra-se também a sua paixão e fervor pela música, em especial, pelas composições de Richard Wagner⁹. Para Nietzsche as suas composições eram a magia e a personificação dos deuses. A música de Wagner é descrita por Nietzsche como algo sublime e místico que o transportava para fora de si e assim, conseguia experimentar outra realidade. A Filosofia de Schopenhauer¹⁰ foi inspiração para Nietzsche, através da obra *O Mundo como Vontade e Representação* sob o aspecto da Vontade no sentido de representação do mundo, sem deus, sem providência divina, apenas uma vontade cega e insaciável. Há também a influência em relação à perda dos seus entes queridos, pois em suas obras aparece certo ressentimento pelos preceitos e dogmas religiosos. A crítica à religião poderia ser compreendida como revolta, pois como foi educado dentro de preceitos religiosos e por acreditar em um deus que deveria ser bom, mas que aos olhos de um menino já não passa mais a ser bom, pois esse deus lhe tirou o seu tesouro, o bem mais precioso e a sua base.

Nietzsche é filho de uma família muito religiosa cercado de preceitos religiosos e morais, a fé em um deus e leitor assíduo da Bíblia. Tanto que sua mãe vislumbrou sua carreira e seu destino como um pastor seguindo os passos de seu pai e de seus avôs. Cercado pela religiosidade o início da sua infância foi dentro da casa paroquial, vivendo a primeira parte de sua infância visualizando a vida e a morte como algo natural, mas sem compreender

⁷ Idealismo metafísico focaliza as categorias do idealismo e os valores morais que o condicionam, propondo outra abordagem: a genealogia dos valores.

⁸ Apolo e Dionísio: a reconciliação dá-se em forma de arte, onde o espectador aceita o sofrimento com alegria, como parte integrante da vida, porque seu próprio aniquilamento como indivíduo em nada afeta a essência da vida, o mais íntimo do mundo, da vontade. Pois Dionísio é o impulso do ser humano este não pode ser negado, Apolo é a razão do ser humano, ambos não podendo ser separados de um ser que existe.

⁹ Richard Wagner considerado por Nietzsche como a maior expressão da música europeia, a própria expressão dionisíaca na modernidade, um artístico-revolucionário, que ao constatar a crise que a cultura europeia se encontrava pensou a possibilidade de uma mudança radical essa mudança seria pela nova arte, ou seja, uma arte livre.

¹⁰ Filosofia de Schopenhauer: filosofia do pessimismo, através do conceito de princípio de individuação que está ligada ao que é visível no mundo, à beleza, posta sobretudo, nas artes plásticas. Onde o herói desafia os perigos da vida em nome da glória individual, da imortalidade poética, atingindo assim a perfeição, mesmo que tenha que morrer em combate. Criando-se uma ilusão, um mundo de aparências belas, um mundo de representação.

realmente o sentido de vida e da morte. Até a perda seu amado pai, de seu irmão, de sua avó e de sua tia em um curto período, pessoa estas que o amavam e que ele as amava.

Segundo Safranski, essas perdas podem ter deixado muitas marcas profundas em um menino de cinco anos, são perdas significativas, pois a falta da figura paterna o fez amadurecer, sentindo que tinha que crescer muito rápido, tornar-se o homem da casa, tornar-se responsável e sério. Nietzsche se autodescreve nos escritos da juventude como:

[...] sério, facilmente tendendo a extremos, eu diria apaixonadamente sério, na multiplicidade das situações, no luto e na alegria, até no brinquedo. (NIETZSCHE, *apud* SAFRANSKI, 2011, p. 23).

Com a perda de seu pai, sua vida sofreu rupturas e muitas transformações: veio a mudança da casa onde vivia que era o seu porto seguro, da cidade onde morava e onde conhecia a todos, dilacerando sua vida, tornando-o no “pequeno pastor” como ficou conhecido por se tornar muito formal. A falta da orientação masculina despertou-lhe a ânsia do novo, do desejo de conhecer, da busca pelo saber, da compreensão da existência, do autoconhecimento, utilizando-se de escritos, passando a escrever as primeiras histórias sobre seus brinquedos, jogos infantis, e com o passar do tempo, sobre fatos de sua vida, sobre sua infância, sobre seu pai, sobre sua família, sobre as mortes e sobre a sua dor perante as perdas, sobre o tempo e até poemas. Segundo Safranski, Nietzsche escreve poemas e autobiografias relatando coisas simples desde o tempo de criança, relatando os casos de morte da família de forma minuciosamente, a morte do pai, como sentiu a falta da figura e a orientação masculina em sua vida.

Desde pequeno Nietzsche demonstra muito interesse pelos estudos, pelo que acontece ao seu redor, já demonstrando que será um hábil escritor¹¹. Escrever passa a ser uma forma de colecionar a sua vida presente, para que no futuro não esqueça as coisas já vividas, não esqueça partes da sua vida, para que lembranças não sejam apagadas de sua memória. Passa a ser uma forma de autoconhecimento, uma busca por sua identidade, autoafirmação, descobrir o que é a existência, o porquê e como se faz parte dessa existência.

Segundo Safranski, na passagem pelo internado é que o jovem Nietzsche descobre a paixão pela composição de músicas, ele descobre também os mitos, onde descobre no livro *Os Bandoleiros de Schiller* a luta de Titãs contra a religião. Nessa fase, Nietzsche passa a ler

¹¹ Entre as mortes, os percalços e as mudanças em sua vida, o internato na adolescência, na juventude a bolsa na Universidade de Bonn e a Universidade de Leipzig, Nietzsche se empenha cada vez mais nos estudos e em escrever principalmente tentativas autobiográficas e poemas.

alguns autores e se identifica com eles, buscando compreender o fascínio do ser humano pelo poder. Com Hölderlin o poeta considerado demente na época Nietzsche descobre o poder de impotência, com Lord Byron descobre a condução e poder da vida artística e, com Napoleão III, o poder político. Essa identificação é pelo motivo que o poder, nos três casos é considerado como autoafirmação. E os seus escritos que na infância eram uma forma de brincadeira, de anotações para marcar sua existência, passam a tomar novos rumos, torna-se desejo de conhecer, de buscar o saber universal pelo conhecimento intelectual, intensificando-se nos estudos. No ano de 1864, ainda em Schulpforta, surge seu primeiro grande trabalho de Filologia Clássica sobre Teognis. Ao terminar o curso no internato, passa para Universidade onde começa a estudar Teologia e Filologia Clássica.

Portanto, nas obras de Nietzsche encontram-se influências da Filosofia Antiga na personificação de Apolo e Dionísio, a música de Richard Wagner, a Filosofia de Schopenhauer, além da influência religiosa representada como uma nova releitura bíblica. Nietzsche se afastou da religião das suas antigas crenças e dogmas, mas a religião não deixou de fazer parte de sua história, do seu pensamento e da sua Filosofia.

2.1 A vida universitária de Nietzsche: a influência de Schopenhauer à Tragédia

Na primeira fase (vide anexo A) das obras filosóficas de Nietzsche encontra-se muito a influência da Filosofia Antiga, principalmente o mito. Nesse período, Nietzsche começa a tomar suas primeiras decisões, deixando os estudos de teologia, passando a se dedicar exclusivamente a filologia clássica, passa em visita involuntária em bordéus, descobre a bebida e o tabaco, entra em conflito com a mãe por não querer mais frequentar a igreja. Apresenta Safranski

Curva-se primeiramente ao desejo da mãe, que o queria pastor. Ele deveria seguir a carreira do falecido pai. Mas já depois do primeiro semestre em Bonn ele interrompe o estudo de teologia e dedica-se inteiramente a filologia clássica. Naturalmente está longe de resolver sua relação com o cristianismo, mas os dogmas da Ressurreição, da Graça e da Justificação pela fé não têm mais força vinculante para ele. Quando nas férias do semestre, na primavera de 1865, volta a Naumburg, a mãe fica horrorizada porque o filho se recusa ostensivamente a ir a Santa Ceia. Há uma briga violenta com a mãe que finalmente rompe em lágrimas e é consolada por uma das tias com menção ao fato de que todos os grandes homens de Deus sofreram dúvidas e tentações. (SAFRANSKI, 2011, p. 36).

Sem dúvida alguma Nietzsche estava disposto a tomar as rédeas de sua vida e fazer sua própria história. Passa pelo batismo no grupo da confraria, mas logo descobre o

materialismo cervejeiro de Franconia¹², sente repulsa e se afasta. Em menos de um ano sai da Universidade de Bonn, mudando-se para a Universidade de Leipzig. Nietzsche é um jovem buscando autoconhecimento para sua afirmação perante a Filosofia e aos movimentos culturais de sua época dentro do qual o pessimismo era muito explícito. Mas Nietzsche procurava encontrar respostas para a existência humana em meio ao caos de um mundo em transformação, buscava resposta para acabar com o pessimismo que assolava a vida moderna. Buscava uma identidade própria, buscando conhecimentos e tentando compreender os valores absolutos da Filosofia e da moral. Nietzsche apresenta

Prefiro entender os homens raros de uma era como rebentos tardios, que emergem subitamente, de culturas passadas e de suas energias: como que o atavismo de um povo e de seus costumes:- assim haverá algo a *entender*! Agora parecem estranhos, raros, extraordinários: e quem sente tais energias em si mesmo tem de cultivá-las, defendê-las, honrá-las, promove-las contra um mundo oposto e diverso: e assim ele se torna um grande homem ou excêntrico e doido, desde que não pereça logo. (NIETZSCHE, 2006, p. 60).

A luta pela vida, o mundo das interpretações vitais relacionando a vontade. Vontade esta que se torna consciente no ser humano, uma forma de organizar o caos da existência, além de criar um ambiente favorável capaz de garantir a evolução e sobrevivência da espécie humana como ser vivo, mas ser que é capaz de viver, criar e transformar. Uma Força que remete a um querer superar-se. Para Nietzsche, a música seria a forma de restaurar a experiência trágica da vida. A música como lei universal como forma do ser humano encontrar o equilíbrio para que a vida seja vivida como um todo, com sofrimentos, alegrias, tristezas, nascimento, morte, afetos, desejos, sentimentos, sonhos, ilusões e a realidade. Através da vivência da tragédia inicia-se um processo de fuga do lado trágico da vida, buscando-se a valorização da razão com a ciência e a técnica. Nietzsche busca transformar em beleza e arte o lado trágico da existência, da morte, da guerra, da violência e agressividade humanas destrutivas, ou seja, tudo o que é incompreensível pela razão humana. Era necessário buscar a superação para sobreviver em meio ao caos da modernidade, ou seja, da vida moderna, aos tantos turbilhões vistos e experienciadas pelo ser humano em meio a tantos conflitos, altos e baixos da existência humana. Pois, o ser humano encontra-se fragilizado por ser atingido por acontecimentos internos e externos, esses podem ser provocados involuntariamente ou escolhidos, leva-se essa bagagem por toda sua existência. Alguns desses

¹² Franconia Associação estudantil ou Fraternidade de intelectuais, onde se reuniam vários alunos para grupos de estudos.

acontecimentos podem marcar de modo agradável como aprendizado ou desagradável, podem ser mais doloroso ou não, podem ser alegres ou não.

Em meio a turbilhões de pensamentos e seus escritos Nietzsche busca respostas para romper com os valores e as convicções que nasceram e o cercaram desde o início de sua existência. Tem a necessidade de autoconhecimento, está sedento pela busca e transformação de todo o cerne humano. Procurando respostas para questões que fervilhavam em seu pensamento; como o que aconteceria com o mundo, ou com a nossa existência se deus deixasse de existir ou, se realmente nem existisse. Como seria a existência do mundo, da vida e história dos seres humanos, se essa crença milenar se baseasse em enganos. E, se realmente existe esse deus, que é o primeiro motor, o centro do universo, o conhecimento supremo e perfeito. Mas, com medo de levantar essas questões aos seus professores, Nietzsche busca ele mesmo responder a essas questões, através de suas reflexões.

Segundo Nietzsche o que sobraria é a natureza, no sentido das ciências naturais, um universo de leis, e sobra a história como consequência de acontecimentos, nas quais causalidade e acaso atuam sem um objetivo geral reconhecível. O mundo está em constante superação, em vista de que as ciências se encontram em avanço e já se começava a derrubar certos fatos, que pareciam ser verdadeiros ou que a religião determinava como verdadeiro. O ser humano está em constante esclarecimento e nem sempre aceita tudo como verdade eterna, pois a humanidade começa a tomar novos rumos. Para Nietzsche há um jogo de opostos o mundo dos sonhos e o mundo real, esse jogo que faz o ser humano se mover, tomar posições, buscar superação. Neste primeiro momento surge a ideia de Vontade como forma de conhecimento. Pois para Nietzsche,

[...] a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão de poder, conforme a vontade de Potência, que é justamente vontade de vida. (NIETZSCHE, 2012, p. 217).

O conhecimento para Nietzsche foi um mecanismo criado pelo ser humano para garantir a sua sobrevivência. Uma forma de defesa que o permite sentir segurança em relação ao mundo, onde é ele o possuidor da verdade, que causa estabilidade diante do desconhecido e do que ameaça o valor da sua existência.

O conhecimento transformou o ser humano em um ser sociável, capaz de adaptar-se ao mundo e, ao mesmo tempo, com necessidade de viver em sociedade. Através dessa necessidade com o conhecimento surge a linguagem e a comunicação possibilitando o homem a compreender o mundo exterior, onde o ser humano passa a ter consciência de si como um

animal social. O conhecimento passa a ser a peça chave que ajuda o ser humano a construir e planejar a sua vida. Ajudando-o a se desenvolver, a determinar sua visão de mundo. O ser humano passa a conceituar, criar leis, dominar o mundo, querendo controlar o tempo e as forças da natureza, vindo a se tornar um instrumento de dominação. Com o conhecimento o ser humano passa a valorizar a vida, onde busca conhecer o desconhecido, compreender os estranhamentos. Nesse momento o ser humano toma consciência do mundo, de si e do seu papel no mundo. Despertando a Vontade de Potência em prol da sua sobrevivência.

Através das personificações dos deuses e da tragédia grega Nietzsche busca compreender como o ser humano enfrenta as dores e seus sofrimentos. Nietzsche redescobre a força que cada homem tem dentro de si e o ensina a exercê-la, pois o ser humano é movido ora por pulsões dionisíacas a emocional, ora por pulsões apolíneas a racional.

Nesse período, Nietzsche escreve diversos trabalhos escolares sobre temas da Filosofia Antiga principalmente sobre a Tragédia grega, participa de conferências, publica trabalhos, é premiado por sua pesquisa e, por recomendação de seu mestre Ritschl, que admira seu empenho e seus esforços, é chamado para assumir a cadeira de filologia clássica. No ano de 1869 é nomeado professor da Universidade de Basileia mesmo sem terminar seus estudos, onde permaneceu por dez anos. Nessa fase Nietzsche conhece a Filosofia de Schopenhauer e, também o compositor Richard Wagner. Com essa amizade, nasce o desejo de realizar o projeto de unir a música e a filologia suas duas paixões, surgindo assim sua primeira obra: *A Origem da Tragédia do Espírito da Música (Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik)* no ano de 1873. No início da produção desta obra Nietzsche se alista como enfermeiro voluntário na guerra franco-alemã recolhendo soldados enfermos e feridos nas frentes de batalha. Nietzsche procurava dar um novo sentido à sua vida, à sua existência e busca dar mais sentido a obra através do conhecer e vivenciar o trágico mais de perto. Mas ele descobre a dura e monstruosa realidade da guerra. A guerra real na frente de batalha não tem o enredo romântico, heroico ou sublime apresentado pela Mitologia grega. O jovem Nietzsche descobre o horror, descobre como o ser humano pode ser vil, cruel, que contém prazer animalesco, que é capaz de destruir a si mesmo e a seus iguais. Como a vida do ser humano passa a não ter valor em meio à guerra, à lei do mais forte é que predomina, domina e sobrepõem as demais vontades que é o poder que comanda a vida, a guerra e a morte.

Nessa primeira obra *A Origem da Tragédia*, Nietzsche relaciona a mitologia grega, personificada nos deuses Apolo e Dionísio, onde une filosofia e música, como um grande teatro grego, onde a música de Wagner é composta para dar vida e sentimentos aos

personagens. Apolo e Dionísio são complementares entre si, mas foram separados pela civilização e pelo racionalismo socrático a fim de dominar os instintos contraditórios. Apolo é apresentado como o deus da clareza, das artes figurativas o que expressa a ordem, o equilíbrio e a individualidade. Conseguindo analisar as coisas fora de si e, mesmo assim é capaz de manter o equilíbrio. Mas no momento que sofrer interferências externas perde essa consciência ao ser afetado por paixões ou, ao ser embriagado pela música, tornando-se um ser superficial e corruptível. É o deus de uma beleza extrema, mas que ao mesmo tempo significaria viver de aparências. Para Nietzsche,

O grego conhecia e sentia os sustos e horrores da existência: mas, a fim de poder viver, os cobria com as brilhantes figuras de sonho dos Olímpicos. (NIETZSCHE, 2006, p. 48).

Apolo é apresentado como consciência ou a representação da vontade e, Dionísio como o mundo da vontade impulsiva, uma forma de despertar para a vida, um ser livre de qualquer moralidade, livre de qualquer preconceito. Dionísio é o oposto de Apolo, pois extrapola todos os valores, é o deus do êxtase. O impulso dionisiaco expressa à transgressão de todos os limites. É a destruição da moralidade é o momento que ele se mostra humano e desnudo de regras e aparências. É o momento de se expor de viver sem seus medos, sem o pessimismo, um ser coletivo e não individualista, mas principalmente sem medo de ser julgado ou rotulado. Um ser capaz de simplesmente existir conforme a sua realidade, capaz de sobreviver e superar sua própria existência. Para Nietzsche

De modo bem diferente de Paulo e dos judeus, os gregos dirigiram a sua tendência idealista justamente para as paixões e as amaram, elevaram, douraram e divinizaram; evidentemente com as paixões eles sentiam-se não apenas mais felizes, mas também mais puros e mais divinos. (NIETZSCHE, 2006, p. 144).

Segundo Karasek¹³, é através dessa obra que Nietzsche é inserido no movimento cultural existente na Alemanha desde o início do XVIII. Movimento este conhecido como a Filosofia do Trágico, ou seja, uma nova maneira de pensar o teatro, mais especificamente a tragédia, mas Nietzsche está longe de ser um filósofo pessimista, ele apenas encontrou na tragédia grega um tema para seus estudos filosóficos. A tragédia é colocada como uma arte que reforça a vida humana em sua essência, ela é vista como uma arte superior na medida em que é apresentada como um processo de conscientização do ser humano de sua condição complexa e angustiante diante da sua finitude. Nietzsche direciona o seu estudo inicialmente

¹³ Karasek em seu livro *Uma Filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche*.

ao problema dos gregos sobre a origem da tragédia e ao personagem Sócrates. Através das artes, principalmente do teatro e da música o ser humano encontrou uma forma intuitiva de superação do pessimismo diante da morte, do medo da sua finitude e torna a tragédia em uma celebração à vida uma busca significativa para a existência humana. A tragédia é um meio para superar a dor e, quando esta é superada, transforma o ser humano mais forte, mais hábil, mais moldável para lutar por sua sobrevivência. Segundo Nietzsche,

Aquele mesmo impulso que chama a arte à vida, como complemento sedutor à continuação da vida e perfeição da existência, fez também nascer o mundo olímpico em que se representou a “vontade” helênica com o espelho transfigurante. Assim os deuses justificam a vida humano vivendo-a eles mesmos – a por si só suficiente Teodisséia! (NIETZSCHE, 2006, p. 49-50).

Para Nietzsche, através da criação da arte grega surge uma nova sabedoria. Para os gregos a vida era considerada uma dádiva, algo muito especial. Era onde os deuses viviam e experienciavam as coisas da humanidade. Uma forma que os gregos encontraram para interpretar e enaltecer a vida. Se até os deuses queriam viver como humanos é porque a vida vale a pena ser vivida. Era um meio de valorizar a vida para não sucumbir ao medo da morte e paralisar sua existência. O meio de vencer, se adaptar e sobreviver, porque os próprios deuses estavam submetidos à necessidade da existência da humanidade. Para Nietzsche

[...] foi, através daquele artístico mundo intermediário dos Olímpicos, constantemente sobrepujado de novo pelos gregos ou, pelo menos, encoberto e subtraído ao olhar. Para poderem viver, tiveram os gregos levados pela mais profunda necessidade, de criar tais deuses, cujo adento devemos assim de fato nos representar, de modo que da primitiva teogonia titânica dos terrores, se desenvolvesse, em morosas transições da teogonia do júbilo por meio de impulsos apolíneo da beleza –[...]. (NIETZSCHE, 2006, p. 37).

Com o passar dos tempos e com a filosofia de Platão os seres humanos foram acometidos pelo pessimismo e se esqueceram de viver. O medo e o anseio pela ideia da existência de uma “nova vida” delimitou a existência da humanidade. Na obra *A Origem da Tragédia*, o estudo sobre a figura de Sócrates que se entrega para a morte. Nietzsche faz uma crítica à Sócrates e à metafísica, mais especialmente em relação a sua entrega para morte, a vida torna-se algo sem valor. Dessa forma, deu-se vazão a decadência da modernidade, abruptamente abriu-se a porta para que a modernidade criasse uma falsa ideia, de que a morte seria algo sublime, despertando assim o pessimismo, espalhando a desvalorização da vida e criando a expectativa de uma vida pós-morte gloriosa. Uma vida nova sem problemas, sem dores, sem sofrimento, além de surgir à moralidade, decadências da humanidade. Para ele é

através dessa expectativa que surge os dogmas religiosos e a moralidade ocidental. Enquanto os gregos buscavam enaltecer a vida, de forma que ela era boa e que valia a pena ser vivida como um todo. Platão apresenta com a figura de Sócrates para enaltecer a vida extraterrena, delineando a decadência da Vontade da Vida. Platão apresenta a dualidade do mundo sensível e mundo das ideias, para ele a alma é mais elevada e o corpo apenas um involucro da alma. O conhecimento ocorre na alma que está fora do corpo e que aos poucos vai relembrando esse conhecimento quando perpassa pelo corpo humano. Nietzsche vê o oposto de Platão e propõe uma crítica à metafísica rejeitando esse dualismo, referente ao mundo das aparências, porque mundo sensível e o mundo das ideias são imperfeitos e não podem ser comparados com o mundo real. E o conhecimento não ocorre por um processo evolutivo da cognição ou do intelecto, mas apenas de lembranças já existente.

2.1.1 Dualidade Apolíneo-Dionisíaco

As das figuras divinas de Apolo e de Dionísio criadas pelo povo grego apresentam-se como forma de revolução para a vida humana, delineadas entre as pulsões instintivas e criativas. Apolo aparece para Nietzsche como divindade ética e Dionísio como a divindade que exalta o entusiasmo. O deus Apolo passou ser o deus da beleza e da aparência, os gregos divinizam o mundo da beleza, ou seja, das aparências do mundo irreal, das falsas moralidades, de falsas ilusões, dos falsos significados e totalmente vazio de sentido real. O que aconteceu foi que os seres humanos foram esquecendo o entusiasmo, do êxtase pela vida, surgindo assim o pessimismo e este prevalecendo diante da vida. Como fuga desse pessimismo surge a máscara que acaba transformando os seres humanos em seres aparentes, um mundo aparente, vivendo de moralidades aparentes, ilusórias, atores em um grande palco da vida real. E em relação ao deus Dionísio houve uma resistência em sua aceitação por estar relacionada ao êxtase, a embriaguez, e a tudo que colocaria em risco a moralidade, aos valores éticos, a religiosidade por ele ser um deus menos político. Nietzsche salienta

Aqui se revela o dionisíaco, medido no apolíneo, como a força-artística eterna e primitiva, que dá origem a todo o mundo dos fenômenos; em cujo centro se torna necessária uma nova aparência de transfiguração, para manter em vida o mundo animado da individualização. (NIETZSCHE, 2006, p. 216-217).

Para Nietzsche é a união de Apolo e Dionísio que surgiria um meio termo para a humanidade, ou seja, os dois juntos beneficiariam o equilíbrio humano entre o mundo real e o

mundo dos sonhos. Só através desse equilíbrio que o ser humano é capaz de sonhar, de expressar sentimentos, de se iludir, de voltar à realidade, de viver, de desejar, de amar, de odiar, de refletir, de improvisar, de criar, de conhecer e buscar transformar seus sonhos no seu mundo real. Segundo Nietzsche,

É um fenômeno eterno: a vontade à vida sempre encontra um meio, através de uma ilusão distendida sobre as coisas, de prender à vida as suas criaturas, e de obrigá-las a prosseguir vivendo. A um algeia-o o prazer socrático do conhecer e a ilusão de poder curar por seu intermédio a ferida eterna da existência, a outro o enreda, agitando-se sedutoramente diante de seus olhos, o véu de beleza da arte, àqueloutro, por sua vez, o consolo metafísico de que, sob o turbilhão dos fenômenos, continua fluindo a vida eterna; para não falar das ilusões mais ordinárias e quase mais fortes ainda, que a vontade mantém prontas a cada instante. Esses três graus de ilusão estão reservados em geral tão apenas às naturezas mais nobremente dotadas, que sentem, em geral com desprazer mais profundo, o fardo e o peso da existência, e que, através de estimulantes escolhidos, são enganadas por si mesmas. (NIETZSCHE, 2006, p. 108).

Nietzsche caracteriza o deus Apolo como o responsável pela manutenção da individualidade do homem e referência às aparências, a beleza. Dionísio é o responsável pela transformação, o ser humano é transportado para o mundo do êxtase e do entusiasmo onde ocorre o rompimento com a ordem política, social e religiosa. Dessa forma, o ser humano esquece-se de si passa existir no coletivismo, o ser humano rompe com as hierarquias, com as diferenças sociais. Apolo não poderia existir sem Dionísio, um completa o outro, surgindo assim o equilíbrio da humanidade. Através de Dionísio há o rompimento da individualização e ocorre à reconciliação entre homem e a natureza, desperta emoções, desfaz o mundo das aparências, perde-se a consciência, os vínculos sociais, a moral apaga o passado. Afirma Nietzsche que

Também a arte dionisíaca quer nos convencer do eterno prazer da existência: só que não devemos procurar esse prazer nas aparências, mas por trás delas. Cumpre-nos reconhecer que tudo quanto nasce precisa estar pronto para um doloroso ocaso; somos forçados a adentrar nosso olhar nos horrores da existência individual - e não devemos, todavia estarrecer-nos: um consolo metafísico nos arranca momentaneamente da engrenagem das figuras mutantes. (NIETZSCHE, 2006, p. 102).

A tragédia para Nietzsche foi um meio inteligente criado pelos gregos, uma força criativa para fugir do pessimismo, de enfrentar o medo da morte e valorizar da vida, surgindo à ideia de Vontade como desenvolvimento. O homem deixou de se preocupar tanto com a morte, mas também se esqueceu de enaltecer a vida e aproveitá-la em cada momento como se

fosse único. Só algo trágico consegue trazer a tona essa conscientização de que se está vivo, de que a morte é a única certeza que temos nesse mundo, e que é real.

Através das personificações de Apolo e Dionísio na obra *A Origem da Tragédia*, Nietzsche apresenta as questões entre conhecimento e verdade. O ser humano supervalorizou o conhecimento, mas esse não passa de uma mentira, já que ele também é um produto da razão humana. O conhecimento é uma criação do ser humano com finalidade de criar segurança na sua relação com o mundo em prol da sua sobrevivência. Com seu conhecimento e com sua capacidade intelectual o ser humano passou a criar verdades ou até mesmo as mentiras como formas de adequação do intelecto à sua realidade, ou seja, meras convenções, regras para se viver em sociedade.

Em meio a sua busca pela sobrevivência e adaptação à vida social, o ser humano buscou conhecimento, onde inicia a construção e determina as verdades como absolutas e, conforme as suas necessidades. Criou-se convenções, religiões, leis, classes sociais, normas, valores morais, valores éticos, como se todas essas criações fossem verdades absolutas, a lei suprema da existência. Mas na verdade por ser criação da razão essas verdades criadas pelo ser humano podem não ser verdades absolutas, mas apenas verdades aparentes. Para Nietzsche enquanto o ser humano buscava o conhecimento como forma de compreender o mundo, a sua existência representava a busca da vontade da vida. A partir do conhecimento racional o ser humano passa a delimitar a existência humana, os instintos foram sufocados e, para ele não há conhecimento sem instinto. A partir do instante que houve a necessidade de se viver em sociedade precisou que fossem criadas algumas delimitações, mas criaram-se convenções demais e falsas verdades que aprisionaram o ser humano. A busca por uma verdade absoluta delimitou o conhecimento do ser humano, limitou a busca pelo novo.

Apolo e Dionísio representam a busca do ser humano por conhecimento como forma de compreender o mundo externo. Através das personificações dos deuses e da tragédia grega Nietzsche busca compreender como o ser humano enfrenta as dores e seus sofrimentos. Nietzsche redescobre a força que cada homem têm dentro de si e o ensina a exercê-la, pois o ser humano é movido ora por pulsões dionisíacas ora por pulsões apolíneas. Pulsões essas que ao serem separadas podem destruir, ou negar a vida, mas juntas são pulsões que fazem com que o ser humano encontre força diante das dificuldades, diante dos percalços que a vida venha lhe apresentar.

Outras influências visíveis no pensamento de Nietzsche que podem ser destacadas aqui são: a música de Richard Wagner e a Filosofia de Schopenhauer, em especial sobre o

tema Vontade como vida ordenada pela razão, através da obra *O Mundo como Vontade e Representação*. A admiração de Nietzsche por Wagner e suas composições, está presente na dedicatória da sua primeira obra *A Origem da tragédia proveniente do Espírito da Música*. Richard Wagner era apreciado por Nietzsche como um artista que revolucionaria a sociedade moderna através da arte, principalmente através da música trágica. Para Nietzsche, Wagner buscou na arte grega a inspiração, pois os gregos era o povo que teriam criado a arte mais verdadeira, com uma liberdade mais elevada e seria o único povo realmente livre que sabia valorizar a vida e sua existência, havia uma alegria própria e contagiante.

Nietzsche e Wagner faziam parte de um movimento cultural que buscava valorizar o trágico romântico com o sentido de valorizar a vida. As composições e arranjos de Wagner eram para Nietzsche algo extraordinário e poético. Nietzsche foi despertado pelo drama musical de Wagner na esperança de reconstruir a vida espiritual alemã corrompida pela fundação do Reich. O mito seria a base criadora para a consciência humana de sua existência, de autoafirmação perante a sua existência e convivência e a visão do mundo de forma individual e própria, mas sem deixar de ser parte integrante do mundo. É a busca mística de algo que não tem um sentido racional nem religioso de forma que a experiência vivida possa ser de liberação dos males da vida.

Nietzsche e Wagner tomando o impulso do romantismo da época tentam fundar com o espírito da música, um novo mito onde tentam unir as pessoas com harmonização, com imaginação e com a racionalidade de forma, que possam desfrutar de sensações, emoções e que se possa fugir da realidade, mas sem perder a razão. Nietzsche sentiu que a música era sua grande paixão e após a leitura da obra de Schopenhauer *O Mundo como vontade e representação*. Nessa obra Schopenhauer apresenta um estudo das artes desde a mais simples às mais complexas a qual permite o conhecimento da representação independente do princípio da razão. A ideia de redenção pela arte, ou seja, a vitória espiritual sobre a vontade natural. E o gosto sombrio pela morte e por objetos fúnebres de Schopenhauer tornou um elixir de vida para o jovem Nietzsche num primeiro momento. Era como se tivesse desperto para a vida através da morte ou, do expressar da morte. Para Nietzsche

A morte é realmente o objetivo da existência, não podemos negar *a priori* a possibilidade de que um efeito mágico não pudesse emanar de alguém que já morreu: estes e outros excessos são imitados facilmente e não requerem um longo treinamento. (NIETZSCHE, 2012, p. 116).

Nietzsche, na obra *A Origem do Trágico* defende a ideia de que a arte trágica grega é a atividade essencial à vida e, que a partir dessa a existência recebe valor e significação no sentido de afirmação da vida. Assim, a música é compreendida como um meio para sustentar a poesia e acentuar a expressão dos sentimentos do ser humano. Através da tragédia grega e da música é que Nietzsche demonstra como é possível o ser humano superar o pessimismo. A arte trágica grega enaltece os acontecimentos entre a vida e a morte, entre a dor e a felicidade, angústias ou medos, mas sempre em valoração e, enaltecimento da existência do ser humano. Nietzsche elege a música de Wagner e seus significados como meio ideal para a afirmação da vida, do amor, da liberdade, do fatalismo e da morte. A música introduz uma nova forma de interpretação da tragédia trazendo a alegria e o sofrimento como parte integrante da vida. Ela é uma nova forma de linguagem sem palavras, uma nova forma de significação onde ocorre a afirmação da vida, mesmo em seus problemas mais árduos, há força necessária ao ser humano encerrar a vida, superar suas dificuldades e, transformando em Vontade de Potência. Para Nietzsche

Da essência da arte, tal como ela é concebida comumente, segundo a exclusiva categoria da aparência e da beleza, não é possível derivar de maneira alguma, honestamente, o trágico; somente a partir do espírito da música é que compreendemos a alegria pelo aniquilamento do indivíduo. Pois só nos exemplos individuais de tal aniquilamento é que fica claro para nós o eterno fenômeno da arte dionisíaca, a qual leva à expressão a vontade em sua onipotência, por assim dizer, por trás do *principium individuationis*, a vida eterna para além de toda a aparência e apesar de todo o aniquilamento. (NIETZSCHE, 2006, p. 101).

Para Nietzsche a música representa a Vontade de Potência para o ser humano. A música desperta o ser humano para a superação e para descobrir a capacidade de libertar-se dos velhos valores e ideologias que até dado momento lhe pareciam ser tão verdadeiras e necessárias. O ser humano passa a encarar a realidade do seu dia a dia de forma diferenciada. A música exalta a vida e onde o ser humano descobre que é possível superar as dores e a vida é intensificada.

2.1.2 Preâmbulo da Vontade de Potência

Nietzsche se fascina pela Teoria da vontade¹⁴ como negação, despertando-o para o tema principal de todas as suas obras, a Vontade de Potência. Descobrindo-a, primeiramente

¹⁴ Teoria de Vontade de Schopenhauer: a vontade é entendida como a essência do mundo, como a “Coisa-em-si”. A representação é o objeto, o fenômeno a manifestação ou ainda, objetivação da vontade, que pode ser

como vontade livre através da consciência, o que Nietzsche chamou de “*vontade livre de mais alta potência do fatum*”. (SAFRANSKI, 2011, p.29). Vontade de Potência por ser um tema muito complexo, por ter uma conotação, um sentido metafísico¹⁵ muito grande, mas ao mesmo tempo Nietzsche reprovava e criticava tudo o que se relacionasse à Metafísica. Segundo Nietzsche,

Podemos ver todas as ousadas insânias da metafísica, em particular suas respostas à questão do *valor* da existência, antes de tudo como sintomas de determinados corpos; e, se tais afirmações e negações do mundo em peso, tomadas cientificamente, não têm o menor grão de importância, fornecem indicações mais preciosas para o historiador e psicólogo, enquanto sintomas do corpo como afirmei, do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobreza, de seu pressentimento do fim, da vontade de fim. (NIETZSCHE, 2012, p. 11-12).

O tema Vontade aparece de forma nebulosa entre desejos, medos, sentimentos, curiosidades, conhecimento, ou seja, uma busca interior, uma forma para conhecer a si e a natureza humana. Nietzsche busca unir a música e a filosofia como meio para encontrar um ponto de equilíbrio interior e se insere na filosofia do Trágico, buscando reavivar a tragédia com forma mais sublime para a superação da vida humana. A Vontade de Potência aparece como valorização da vida e superação. A luta pela vida, o mundo das interpretações vitais relacionados à força. Força esta que se torna consciente no ser humano, uma forma de organizar o caos, além de criar um ambiente favorável capaz de garantir a evolução e sobrevivência da espécie humana, mas não apenas como simples espécie, mas sim como ser existente, pensante, transformador e criador. E essa força é o que remete a um querer superar-se. Para Nietzsche a música seria uma forma de restaurar a experiência trágica da vida. A vida vivida como um todo, com sofrimentos, alegrias, tristezas, nascimento, morte, afetos, desejos, sentimentos, sonhos, ilusões e a realidade. Através da vivência da tragédia inicia-se um processo de fuga do lado trágico da vida, buscando-se a valorização da razão com a ciência e a técnica. Nietzsche busca transformar em beleza e arte o lado trágico da existência, da morte, da guerra, da violência e agressividade humanas destrutivas, ou seja, tudo o que é incompreensível pela razão humana, buscar a superação para sobreviver o caos da

entendida como substância, a essência. A vontade é primordial, primária e fundamental, já a representação é secundária, subordinada e condicionada. A vontade é a raiz de toda dor e obscuridade, é a fonte de todo sofrimento do ser humano. (Debona, V. PUCPR. Revista Filosofia)

¹⁵ Metafísico: relacionado aos quatro pilares fundamentais da cultura ocidental : a moral, religião, a filosofia e a ciência; assim se assentam na concepção metafísica tradicional, isto é, em um mundo verdadeiro, permanente, eterno e imutável e outro fenomênico.

modernidade ou da vida moderna a tantos turbilhões vistos e experienciadas pelo ser humano em meio a tantos conflitos da existência. Nietzsche afirma

Pois conforme disse, a música se diferencia de todas as artes em não ser a imagem do fenômeno, ou melhor, da objetividade adequada da vontade, mas sim a imagem da vontade propriamente dita, representando por isso para todo físico do mundo metafísico, para todo o fenômeno da coisa em si. (NIETZSCHE, 2006, p. 47).

O pessimismo destrói o que existe de bom no ser humano. É através da força de vontade sobre-humana que se busca essa superação, vai para além do seu ser, encontrar uma força interior, algo que o impulsiona nessa superação chamada por Nietzsche de Vontade de Potência.

2.2 A Influência da ruptura com Wagner e Schopenhauer no conceito de Vontade de Potência

A segunda fase das obras (vide anexo A) de Nietzsche é marcada pela ruptura com a filosofia de Schopenhauer, com a música e com o amigo Richard Wagner. Segundo Antunes¹⁶ a admiração de Nietzsche deu-se em virtude de que Wagner foi um artista-revolucionário, em seus artigos escritos na juventude Wagner assumia uma posição de ativista político contra a sociedade burguesa, contra o capital e buscava a edificação de uma sociedade livre. Nessa época a cultura europeia estava passando por uma crise e era necessária a criação uma nova arte, uma arte livre.

O que Nietzsche tentou evidenciar é que para Wagner a arte grega era a arte ideal, a arte de mediação das coisas. No pensamento fundado no devir, a vida é considerada a mudança e transformação. O existir como forma de criar e superar, mas principalmente sem medo de ser humano. Nietzsche achou que Wagner seria o caminho para o renascimento de gênero artístico-trágico onde a arte seria a afirmação da vida. Wagner parecia ser um revolucionário e lutava contra a decadência dos valores modernos e da submissão da arte aos interesses de indústrias capitalistas. Além disso, Nietzsche foi atraído pelos indícios metafísicos da música de Wagner como sentido de reavivar o trágico.

Na obra *A Origem da Tragédia* encontra-se influência tanto de Wagner quanto da filosofia de Schopenhauer. Nietzsche leva de Schopenhauer alguns pontos em principal o princípio da individuação e a razão suficiência. Onde o deus Apolo surge como o princípio da

¹⁶ ANTUNES, Jair. Nietzsche e Wagner: Caminhos e descaminhos do trágico. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v.1 p. 54.

indivíduoação e este faz surgir luz a partir do caos, impondo ao devir uma lei, ordenando a vida, ele é a razão sem a implicação de ideias superiores, sem um ser superior. Já Dionísio é impulso do homem é o princípio da emoção que não pode ser negado. Schopenhauer vê na arte a possibilidade de transcendência, em especial na música, que retira o ser humano do tempo, do espaço e até mesmo do corpo, resgatando-o momentaneamente do suplício da existência, do caos e do sofrimento diário. Através do princípio de indivíduoação¹⁷ o ser humano é capaz de se reconhecer em si e no outro, é capaz de se comover e compadecer, tomar o lugar do outro. Para Nietzsche em cada indivíduo existe um Apolo e um Dionísio, é a justa medida entre a razão e a emoção, o equilíbrio entre o certo e o errado, o bem e o mal e a realidade de sentimentos e o autocontrole.

Aos poucos Nietzsche descobre ou percebe que Wagner é contagiado pelo pessimismo e pela metafísica Schopenhauriana, onde a vontade é a negação da vida, a decadência da modernidade. Wagner torna-se um adepto ao cristianismo e além de tudo com a inauguração do teatro Bayreuth transforma a arte como mero entretenimento para a burguesia. Wagner tornou-se para Nietzsche um artista pessimista, influenciado pela metafísica schopenhauriana como forma de negação da vida. Nessa fase Nietzsche tinha se tornado um crítico da metafísica, do cristianismo e das interpretações do mundo como ideia superior ao corpo, por ser a negação da vida. Rompeu relações com Wagner por ele ter assumido uma postura diferente do que até então prezava ou parecia prezar, pois não havia sobrado vestígios do artista e revolucionário que era contrário à burguesia, ao capitalismo, que era contrário à arte de entretenimento, tornou-se um empresário visando apenas lucro.

A modernidade chega trazendo uma nova realidade, onde não cabem mais os velhos valores, as velhas crenças, as velhas ideologias. Pois até então esses valores considerados superiores da Idade Média, como paraíso, verdade divina foi constituída por Platão e, incorporados pelo cristianismo levados para a religião e negava a vida. A ciência e o pensamento filosófico chegam tornando-se veículos de transformação social. Onde os tempos são outros e as expectativas de cada ser humano também já não podem ser comparadas com as da história da humanidade. O ser humano passa a ter novas necessidades e busca satisfazê-las. Os interesses e desejos estão mais presentes ocorrendo assim uma busca por respostas para a compreensão de sua própria existência.

A busca pela ciência é como um antídoto para suas dores e o reconhecimento da sua importância para o ser humano. A obra *A Gaia Ciência* de Nietzsche é considerada como uma

¹⁷ Princípio da indivíduoação Para Nietzsche o apolíneo é o princípio de indivíduoação, um processo de criação do indivíduo, que se realiza como uma experiência da medida e da consciência de si.

espécie de introdução para a obra *Assim falou Zaratustra*. Sendo a primeira, o início pela compreensão humana e pela necessidade da ciência¹⁸, ou seja, a poesia, pois ela é a que faz refletir buscar o entendimento para superar a vida, superar ideias velhas e ultrapassadas, superar preconceitos, os valores morais e as crenças. Discute e busca um sentido para a arte, para a sabedoria, para o conhecimento, para a filosofia, a ética e a educação.

Na terceira obra *Assim Falou Zaratustra* Nietzsche trata da própria superação através do autoconhecer. Uma força que busca a verdade, que remete a um poder superar-se e, ao mesmo a, valorização da vida. A segunda obra *A Gaia Ciência*, ou seja, mundo da ciência, onde a tecnologia e a ciência se confrontam com antigos conceitos, encontra rupturas da fé e resistência da sociedade, passando a mediar uma comunicação entre a humanidade, desmistifica as crenças e sugere uma nova esperança para a vida continuar, ou repostas para que se possa continuar. Segundo Nietzsche

O homem inventor de signos é, ao mesmo tempo, o homem cada vez mais consciente de si; apenas como animal social, o homem aprendeu a tomar consciência de si – “ele o faz ainda, ele o faz cada vez mais”. – Meu pensamento, como se vê, é que a consciência não faz parte realmente da existência individual do ser humano, mas antes daquilo que nele é natureza comunitária e gregária; que, em consequência, apenas em ligação com a utilidade comunitária e gregária ela se desenvolveu sutilmente, e que, portanto, cada um de nós como toda a vontade que tenha de *entender* a si próprio da maneira mais individual possível, de “conhecer a si mesmo”, sempre traz à consciência justamente o que não possui de individual, o que nele é “médio” – que nosso pensamento mesmo é continuamente *suplantado*, digamos pelo caráter da consciência – pelo “gênio da espécie que nela domina” – e traduzido de volta para a perspectiva gregária. (NIETZSCHE, 2012, p. 222-223).

Para Nietzsche a poesia é a principal ciência, onde é possível uma reflexão sobre a Vontade de Potência ou, que se possa dar significado para a vida. Essa vida que precisa ser racional em meio a tanta irracionalidade, onde a existência parece passar despercebida, onde a individualidade humana deixa a existência ser tão pobre e medíocre, sem sentido e sem vida. Para Nietzsche Vontade de Potência busca o autoconhecimento perante sua existência, se afirmar como ser que existe que é capaz de levantar todos os dias, que mesmo sem compreender o que é sua existência, de onde vem e para onde se vai, mas sem deixar de buscar a superação através do conhecimento, questionando e refletindo. A partir daí busca-se superar todos os dias para que sua existência não seja apenas uma sobrevivência limitada e fisiológica. Que possa existir muito mais e, que o ser humano não se imponha limitações, que a vida não seja vazia de conteúdo.

¹⁸ Ciência para Nietzsche é a poesia. A obra *A Gaia Ciência* é uma alusão ao nascimento da poesia moderna, à Provença no século XII, onde a habilidade técnica e o espírito livre eram requeridos pela escrita da poesia.

Para Nietzsche na essência da Vontade de Potência existe vida, que pulsa e impulsiona para o conhecimento, para descobrir e desafiar o sistema cognitivo humano. Devido às mudanças que estavam ocorrendo no mundo em uma época que se busca acreditar em algo que possa trazer uma esperança para a humanidade. A fragilidade da doença o levou a buscar compreender as suas dores para tentar encontrar a cura. A partir daí o seu pensamento filosófico busca um conhecimento científico que esteja voltado para o mais humano e menos mecanicista. Parte pela busca de uma ciência mais próxima da arte ao invés de procurar por verdades e se ocupar em criar novas perspectivas para a existência. Segundo Nietzsche

“Gaia ciência”: ou seja, as saturnais de um espírito que pacientemente, severa e friamente, sem sujeitar-se, mas sem te esperança-, e que repentinamente é acometido pela esperança, pela esperança de saúde, pela embriaguez da convalescença. (NIETZSCHE, 2012, p. 09).

Em meio as suas reflexões filosóficas, em meio à dor e ao sofrimento, Nietzsche se isola e rompe amizades. A doença o afasta das influências e dos amigos, dessa forma a sua filosofia transforma-se em uma busca por si mesmo, um encontro de Nietzsche com ele mesmo, com seus pensamentos, com suas reflexões dúvidas, medos, angústias para que viesse a se tornar algo positivo para a humanidade. Segundo Nietzsche

Mas falemos do mais famoso dos schopenhauerianos vivos, de Richard Wagner. – A ele aconteceu o que já sucedeu com muitos artistas: enganou-se ao interpretar os personagens que havia criado e não compreendeu a filosofia implícita em sua arte mais característica. Richard Wagner deixou-se desencaminhar por Hegel até a metade da sua vida; e o fez novamente mais tarde, quando começou a ver a teoria de Schopenhauer em seus personagens e a formular a si mesmo recorrendo às noções de “vontade”, “gênio” e “compaixão”. (NIETZSCHE, 2012, p. 116).

Nietzsche inicia a busca de uma identidade própria para sua filosofia, encontrando o sentido de pensar por si mesmo, descobre o poder do autodomínio. Nesse mesmo tempo o mundo está começando novos avanços tecnológicos e as ciências naturais começam a ser descoberta, onde começa a se deixar certas crenças e certos medos de lado, onde se busca descobrir o futuro do ser humano, onde a comunicação começa a se fazer presente no mundo. O trágico não tem mais sentido, o que deve ter sentido é o viver intensamente, o viver completo para que se possa sentir a vida pulsar e acreditar que se podem superar os limites da existência humana. Que a Vontade de Potência é a vida que busca conhecer, superar e dominar as razões humanas da existência.

Nessa fase Nietzsche adiciona à sua Filosofia a tese: “deus está morto”¹⁹ como busca da superação metafísica, que o ser humano aos poucos juntamente com a tecnologia, a ciência e a filosofia, passa a não necessitar tanto de apoios para equilibrar sua natureza humana. Um tempo em que a intelectualidade busca através da razão e da emoção dar sentido e significado para a existência. O ser humano passa pelo processo do progresso e aos poucos adquire a responsabilidade e a felicidade tornando-se autores da própria vida, abrindo-se um mar de possibilidades. E só com a morte de deus o ser humano pode criar novos e autênticos valores, a fé foi substituída pelo amor ao destino, amor à vida. Segundo Nietzsche

De fato, nós filósofos e “espíritos livres”, ante a notícia de que o “velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro do perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”. (NIETZSCHE, 2012, p. 208).

O ser humano da modernidade procura deixar de lado o pessimismo de lado buscando uma forma positiva de ver e viver a vida, uma busca de superar os medos tentando encontrar a liberdade. Passando a não querer mais esconder-se atrás de uma sombra divina e resignar-se dizendo ou aceitando que deus quis que acontecesse dessa maneira, busca tornar-se senhor da sua vida. Torna-se capaz de dizer sim à vida e de transformar a luta do dia a dia em algo prazeroso. Além de conseguir encontrar a vida nas pequenas coisas e no mundo. O ser humano só pode se tornar completo ao sentir e viver todas as angústias, todas as dores, para se tornar imune a elas, de forma que possa superar-se a si, ao seu físico e seu psicológico.

2.3 A influência da doença

A doença se faz presente em suas obras, seja pelos relatos das dores que o afligiam, seja pela recuperação da saúde, influenciou a sua forma de pensar e reavaliar a sua vida, a sua filosofia e ao mesmo tempo contribui para o conceito de Vontade de Potência, conceito basilar de suas obras. Nessa terceira fase (vide anexo A) Nietzsche passa a considerar que a verdade da ciência seria herdeira da metafísica e da religião por se referir a qualquer

¹⁹ Deus está morto significa que há novas perspectivas para o ser humano, para a cultura, é o nascimento da ciência, o momento em que a modernidade passa a buscar o conhecimento científico e principalmente a reflexão filosófica, ocorrendo à emancipação da razão. O ser humano passa a buscar respostas na ciência, na medicina e não mais na fé, nas crenças. Expressão utilizada por Nietzsche na obra *Assim Falou Zaratustra* para designar a ruptura com as velhas crenças, conceitos e ideais, a morte de todas as visões morais tradicionais.

conhecimento ou prática sistemáticos e, que a Vontade de Potência seria força que se relaciona entre si e que gera mais forças seguindo um processo hierárquico de dominação.

Desde criança e, após a morte de seu pai, Nietzsche sentiu-se assombrado pela doença, vivia com o medo de que pudesse ser uma doença de herança genética e, que ele poderia vir a desenvolvê-la. Nietzsche teve uma saúde muito frágil, desde muito jovem as dores de cabeça o afligiam, no ano de 1873 recebe o diagnóstico de sua doença, que o fragiliza por diversas vezes, tendo que se afastar da Universidade onde leciona, mas aproveita a fase para viajar buscando lugares mais quentes e, afastando de todos para escrever.

Sabendo que a doença seria sua eterna companheira, Nietzsche encontra nela uma forma de combater a negação da vida, uma forma de afirmar e de crescimento filosófico. Torna-a parte integrante da sua filosofia e do seu pensamento filosófico. Dessa forma Nietzsche passa a viver sua dor, o seu sofrimento, suas angústias e medos de forma intensa, sem deixar abater-se, buscando superação na doença.

Nietzsche encontra na doença uma fonte inspiradora, fonte de reflexões filosóficas, a busca pelo conhecer, dominar e superar. Nesse período ele se isola procurando ser seu próprio médico e cientista buscando experimentar a dor para que possa compreendê-la e, com isso aprender a dominá-la de forma que ela pudesse ser sua aliada no combate ao pessimismo filosófico, contra a negação da vida e contra o cristianismo.

Descobre-se como filósofo, como um ser que tem autoafirmação, que acredita na vida e, que ela é a mola propulsora para abrir seus caminhos, para crescer e libertar-se. Porque para ele o ser humano possui a fórmula da grandeza que é o amor ao destino (*Amor fati*)²⁰. Sua doença foi um antídoto contra os males do mundo e ao mesmo tempo foi sua inspiração filosófica, para quebrar as correntes com o pessimismo e o trágico de sua época, foi uma luz para os suas obras sem deixar de viver. Nietzsche afirma

Sim, no mais fundo de minha alma sinto-me grato a toda a minha doença e desgraça e a tudo imperfeito em mim, pois tais coisas me deixaram muitas portas para escapar aos hábitos duradouros. – O mais insuportável, sem dúvida, o verdadeiramente terrível, seria uma vida sem hábito algum, uma vida que solicitasse continuamente a improvisação: isto seria meu degredo e minha Sibéria. (NIETZSCHE, 2012, p. 178).

Segundo Calçado, pode ter sido pela doença que Nietzsche acaba deixando as influências de Schopenhauer e Wagner e, que a partir do momento em que se isola, passando a buscar sua própria identidade filosófica, cria suas próprias reflexões, rompendo-se os

²⁰ *Amor fati* é aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos. Uma nova forma de se posicionar em relação à vida e tudo o que ela implica.

antigos encantamentos filosóficos e assim acaba tomando o rumo de uma filosofia própria e única. Calçado afirma:

A vocação em Basileia e o romantismo wagneriano são desvios nos quais Nietzsche pôde experimentar novas perspectivas, mas das quais foi libertado por sua enfermidade. São os desvios em relação a si, ao próprio instinto, ao caminho definido pela dinâmica de aumento da Vontade de Potência. (CALÇADO, 2009, p. 47-48).

Para Nietzsche todo ser vivo é capaz de se desenvolver por meio da aprendizagem, basta usar o seu querer, precisa criar regras que ajude a cominar esse querer, que ajude superar seu estado físico e psicológico, que não o limite, mas que possibilite vencer a si mesmo, superar seus próprios limites. O ser humano possui o amor *fati* e, se chegamos de alguma forma a existir; essa condição de ser humano vivo e pensante é porque deve existir um motivo muito especial para chegar-se até esse estágio de pensamento. Seguindo esse pensamento Nietzsche busca seu aprendizado, seu conhecer através de suas dores transformando-a em Vontade de Potência.

Através da sua Filosofia Niilista Nietzsche busca tira o antropocentrismo através da valoração da vida, ou seja, o mundo existe, a vida existe mesmo que houver a morte. A vida sempre existiu, não existe um princípio originário para o mundo e não existe uma verdade absoluta. O ser humano construiu ao longo da sua história uma visão de si muito superior ao que ele realmente consegue ser, para Nietzsche a vida é superior ao homem. O ser humano é submisso à natureza, tanto que os gregos criavam formas ou perspectivas de interpretar o mundo e não de conhecer, mas interpretar com forma de se relacionar com o mundo. Surgindo o mito como uma forma de representar realidade por não se atingir a realidade absoluta. O entendimento da vida era marcado pelo corpo e pela arte. O relacionamento do ser humano com a vida era com pudor, respeito, pois se tratava de algo desconhecido. E com o conhecimento a civilização moderna seguiu apenas uma linha de interpretação do mundo onde existem dois mundos este em que se vive e, é o mundo errado, e, o outro mundo é o certo, o bom, o belo e o verdadeiro. Nietzsche afirma:

Das leis da hierarquia decorre que os eruditos, na medida em que pertencem à classe média espiritual, não podem ter visão dos problemas e interrogações realmente *grandes*; além disso, sua coragem e seu olhar não chegam tão longe – mais que tudo, a necessidade que deles faz pesquisadores, sua íntima antecipação e desejo de que as coisas sejam assim e assim, seus temores e esperança, muito cedo já encontram paz e satisfação. (NIETZSCHE, 2012, p. 249).

Para Nietzsche a verdade não é produto da curiosidade humana, mas sim do medo da morte, da necessidade psicológica que o ser humano tem em relação ao tempo, a duração da vida e de como o ser humano é fraco, de como não é capaz de lidar com a vida. Ele precisa se apegar a algo superior a sua existência, esperando encontrar consolo e conforto para além da sua existência. Essa busca tem o intuito do não sofrimento, de não se apegar as coisas terrenas, mas acaba encontrando um abismo de incertezas. A vida passa a ser vivida de forma resignada, incompleta. Deixando-se de sentir prazer, ódio, deixando de amar, tornando os dias vazios e cheios de angústias na espera de uma nova vida, o ser humano é paralisado, negando a vida aqui e única a ser vivida sem restrições. O ser humano deixa de viver por medo, deixa de amar por medo, de perder ou sofrer, tudo por causa da sua finitude. Só é possível construir a verdade, ao firmar a vida como ela é, no momento em que se admite que o vir a ser constante é a própria vida e, que essa não teria nem princípio e nem fim.

Nietzsche apresenta em sua filosofia a paixão pela vida, ou seja, Vontade de Potência, descrita em cada uma de suas obras. As influências foram muitas em sua vida, mas aos poucos se encontra em suas obras o amadurecimento de ideias e ideologias, encontra a Vontade de Potência descrita como além da sua própria existência muito a frente de seu tempo. No início, um jovem filólogo que através de seus medos busca uma forma de acabar com o pessimismo do mundo busca enriquecer o seu conhecimento, interpretar as suas dores e transformar os seus próprios medos em algo que possa reinventar a sua existência. Mas que aos poucos foram tornando-se reflexões filosóficas que trazem a tona uma nova forma de ver o ser humano, a vida, a existência, as velhas ideologias, as velhas crenças. Através do determinismo de um jovem em compreender a própria existência e transformá-la em Vontade de Potência, a filosofia tornou-se impactante para a contemporaneidade e para a modernidade.

O segundo capítulo deste trabalho tem por objetivo compreender qual a importância da “morte de deus”, do niilismo, do amor *fati*, do eterno retorno e o super-homem e de como ajudaram a Nietzsche transformar sua filosofia em reflexões tão profundas que inspiram diversos estudos. Ao longo de sua caminhada filosófica e com diversas influências Nietzsche foi aprofundando, desenvolvendo as reflexões principalmente em relação à vida e a existência humana. De certa forma dá para se destacar que quanto mais posições contrárias e de negação da vida ele encontrava em seu caminho, mais ele era despertado para provar que a vida é a essência e necessidade para a existência humana. Mais vida ele desejava, acreditando que o ser humano poderia ser muito mais que apenas um sobrevivente. Acima de tudo o ser humano é um ser existente, pensante e com capacidades de criar, de transformar o seu mundo. E com

sua necessidade de se socializar, de manter relação com os outros de sua espécie, acabou delimitando sua existência, delimitou a vida transformou-se em regras, leis e convenções. Tudo é errado ou certo, é belo ou feio, bom ou mau, porque alguém assim o determinou. O ser humano foi obrigado a guardar, esconder os seus sentimentos, os instintos, tudo por medo, fraqueza. Como forma de buscar segurança e como meio para limitar seus instintos e sentimentos o ser humano criou a religião, as leis morais e a ética para manter relações com o mundo. Surgiram primeiramente os mitos, os deuses, os semideuses e, aos poucos um único deus que se tornou norteador e regente do mundo e do ser humano. Depois vieram às artes, as ciências e a filosofia, que aos poucos foram tomando o seu lugar e esses deuses perderam o seu espaço. A partir daí o ser humano começou a encontrar uma nova forma de ver o mundo e a sua existência levando ao desfecho final que pode ser expressa na Vontade de Potência.

3 A morte de deus e a sua contribuição para a construção filosófica da Vontade de Potência.

O presente capítulo pretende analisar o conceito Vontade de Potência tendo por base a reconstrução histórica da vida e das reflexões filosóficas de Nietzsche, a analogia de alguns aforismos das suas obras, em especial aforismos da obra *A Gaia Ciência* e, *Assim falou Zaratustra*²¹. A primeira obra foi escolhida por se tratar de um escrito de transição, em que Nietzsche aborda um tema condizente com o momento e a realidade da sua época em que ocorre uma transformação no mundo e do pensamento. Nessa obra encontra-se a descrição e análise do movimento Trágico, o início do desenvolvimento das ciências naturais e, o início do movimento existencialista. Onde o ser humano inicia o processo de centralizar o seu pensamento em si, no existir e, ao mesmo tempo por ela ser considerada a obra preparatória da obra *Assim falou Zaratustra*. Momento este, em que Nietzsche prepara-se para um autodomínio, tomar o controle sobre de si e do seu destino, a preparação para abandonar a falsa moral, derrubar velhos conceitos, a busca pelo conhecimento e busca da superação, encontrar o caminho da filosofia e para a vida. Conforme salienta Araldi

Os sentimentos morais são vistos como expressões de desejos de exercer o poder neles. Na obra que fecha o período da filosofia do espírito livre, *A gaia ciência*, o filósofo solitário propõe uma “teoria do sentimento de poder”, em que dor e prazer são instrumentos para aumentar o poder. (ARALDI, 2013, p.73).

²¹A *Gaia Ciência* e *Assim Falava Zaratustra* foram escolhidas por serem obras intermediárias entre a primeira, a segunda e a terceira fase de seu pensamento

Através do tema a “morte de deus” na obra *A Gaia Ciência* Nietzsche apresenta o início da libertação do ser humano dos antigos valores e dos dogmas religiosos, contribuindo para a construção filosófica sobre a Vontade de Potência. Para a época Nietzsche representa um questionamento muito grande em relação ao cultivo da fé, rompendo barreiras em relação à existência humana. A partir desse momento o ser humano toma em suas mãos as rédeas da sua vida, torna-se dono e senhor do seu destino. Ao apresentar o tema da “morte de deus” Nietzsche não discute se deus existe ou não, mas sim que o homem moderno descobre sua capacidade e procura novos horizontes para sua vida. Nietzsche apresenta

Hoje é, para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e “saber” tudo. “É verdade que Deus está em toda parte?” perguntou uma garotinha à sua mãe; “não acho isso decente” – um sinal para os filósofos!... Deveríamos respeitar mais o *pudor* com que a natureza se escondeu por trás de enigmas e de coloridas incertezas. (NIETZSCHE, 2012, p. 14-15).

Com a modernidade começa um novo processo de avanço da humanidade, não havendo mais a necessidade para que o ser humano continue a colocar o seu destino nas mãos das crenças. Chega a hora de utilizar-se das ciências, das reflexões filosóficas como aliadas na esperança de alcançar a liderança dos caminhos do progresso intelectual e da Vontade de Potência. Nietzsche afirma que

Nunca houve um ato maior - e quem vier depois de nós pertencerá por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então! [...] o que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus? (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

A partir da “morte de deus” o ser humano inicia o processo da interpretação do mundo e da própria vida, buscando o conhecimento através da dissolução das verdades absolutas. Através da morte de deus ocorre à ruptura dessas visões morais, ideais e conceitos tradicionais, pois deus que até então era um dos principais fundamentos dessas ideias. O ser humano se utilizava de deus como apoio para tentar minimizar seu sofrimento, e tudo que parecia real, verdadeiro e bom para a humanidade acabou retardando o desenvolvimento e impedindo de viver a vida como ela é.

3.1 Relação entre Vontade de Potência e amor *fati*

Para Nietzsche o ser humano é possuidor do amor *fati*²² (amor ao destino) que faz o homem se embrenhar na procura, seja através da ciência, da medicina ou da razão para superar as doenças ou, superar a própria finitude. Como o próprio Nietzsche salienta:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas coisas. Amor *fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! (NIETZSCHE, 2012, p. 166).

O ser humano possuidor do amor *fati* é aquele que encontra a coragem de se desprender das velhas ideologias, buscando a ver e viver a vida, sem ficar preso aos velhos conceitos. Onde ocorre amor ao seu próprio destino, e surge o desejo pelo novo, levando a se libertar de forma completa. Surgindo a vontade o ser humano é despertado pelo desejo da liberdade de suas ideias, liberdade de agir, de criar, de pensar e buscar novos conceitos. Libertar-se de tudo que o prende as velhas moralidades, aos velhos conceitos. Em suas reflexões filosóficas Nietzsche apresenta o conceito do amor *fati* mais com um desejo de conseguir ser talhado por esse amor, de forma que consiga se libertar de suas próprias ideologias. Este amor estaria interligado ao conceito de “eterno retorno”, onde o amor refletiria o desejo pela vida, desejo de buscar o novo, ou seja, novos conceitos, novas ideias, novas verdades. Nunca mais desejar ou agir como seu destino tinha sido programado, mas sem se lamentar, buscar sempre aprender com os seus erros ou com os acertos. Nunca mais deixar que sua vida seja regida ou guiada por falsas expectativas por falsas verdades, mas pela busca de conceitos filosóficos que ajude a livrar-se da escravidão das falsas ideologias que ronda o ser humano desde antes do seu nascimento. Ao querer tornar-se senhor de sua vida, o ser humano busca encontrar a Vontade de Potência e desperto para a vida, para o autoconhecer, buscando superar-se. Nietzsche afirma:

Já basta que sua vida tenha e conserve razão frente si mesma - essa vida que grita para cada um de nós: “Seja um homem e não siga a mim – mas a si próprio! A si Próprio!” Também nossa vida deve ter razão frente a nós mesmos! Também nós devemos crer e medrar a partir de nós mesmos, livres e sem medo, em inocente amor de si! (NIETZSCHE, 2012, p.118).

Nietzsche descobre que o amor *fati* abrange o amor-próprio, desperta a sede de posse, de domínio. Onde é despertado através da Vontade de Potência a buscar a cura de sua doença,

²² Optou-se por interpretar Amor *Fati* como amor ao destino por representar o maior ideal do ser humano, amar a si próprio, sendo que existem outras interpretações como: amor a algo, amar ao inevitável, ao justo,

das suas dores e, onde encontra o cultivo de si. Nesse momento Nietzsche passa pensar e confrontar-se consigo mesmo. Uma busca por sua própria identidade, uma busca para encontrar-se com suas reflexões e encontrar uma forma de superar as suas dores da alma e do corpo, mas acima de tudo libertar-se de suas ideologias. Para Nietzsche

Enfim, permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos prescindir da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quanto da sã; em suma se a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso. (NIETZSCHE, 2012, p. 134-135).

Para Nietzsche o ser humano deve buscar construir a sua própria identidade perante a existência ser o criador que traça e busca o seu próprio destino. Um idealizador de sonhos onde possa colocar toda sua criatividade em prática para construir o seu mundo real e ideal para a sua existência.

3.2 A Modernidade, o ser humano e a Vontade de Potência.

Através da ciência o ser humano procura incessantemente encontrar meios para prolongar a vida de forma que se possa viver mais e melhor e aos poucos foi derrubando os velhos paradigmas religiosos. A religião por muitas décadas dominou através da ideologia de um deus bom e misericordioso, mas que pune os hereges e pecadores. Utilizando-se do temor do ser humano a deus, impôs a ideia do sacrilégio, do pecado para que o ser humano não pudesse buscar superar a sua própria condição humana. Jamais um ser humano poderia querer igualar ou tornar-se superior ao deus criador, pois o ser humano tem sua condição limitada e simplesmente deveria aceitar o destino que esse deus traçou a cada um. Simplesmente o ser humano é um fantoche e deve ser grato a esse deus porque ele o criou por seu querer.

Nietzsche acredita que com a modernidade os seres humanos, os conceitos, os pensamentos e principalmente os valores foram se modificando, passaram pelo processo de transformação. Já não importa se existe ou não esse deus criador, mas o que existe é comunicação, é filosofia, reflexão e existe vida pulsante que precisa sobreviver. O ser humano existe que está aí no mundo, faz parte do mundo e aos poucos busca conhecer, transformar, criar e superar, buscando prolongar sua existência. Segundo Nietzsche

Parece-me que é assim no tocante a raças e correntes de gerações: onde a necessidade, a indigência, por muito tempo obrigou os homens a se comunicarem, a compreenderem uns aos outros de forma rápida e sutil, há enfim um excesso de

virtude e arte da comunicação, como uma fortuna que gradualmente foi juntada e espera um herdeiro que prodigamente a esbanje [...] (NIETZSCHE, 2012, p.221-222).

Se os seres que tem capacidade cognitiva, são seres pensantes que possuem intelecto capaz de aprender e de modificar o que está a nossa volta, que modifica o que está dentro de cada um, capaz de modificar os sentimentos, dominar-se e desenvolve esse potencial criador. Seres capazes de progredir porque o ser humano é uma criatura de valor, um ser especial e com destino, mas não um destino fixo e rígido criado ou desejado por alguém que não se conhece, que aprisiona, delimita, mas um destino para criar um futuro melhor para a humanidade, para nossa existência. Além de criatura somos criadores ousados. Segundo Nietzsche

Valores foi o homem que primeiramente pôs nas coisas, para se conservar - foi o primeiro a criar sentido para as coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama “homem”, isto é estimador. Estimar é criar: escutai isso, ó criadores! O próprio estimar é de todas as coisas estimadas, o tesouro e a joia. Apenas através do estimar existe valor: e sem o estimar seria oca e noz da existência. Escutai isso, ó criadores! (NIETZSCHE, 2011, p. 58).

O ser humano é o artista das próprias obras, comandante da sua vida e de suas criações, a dança e a música da vida. Mas para conseguir chegar a ser o senhor de seu destino, Nietzsche precisa se dedicar as suas reflexões filosóficas, se resguardando em seu amor-próprio para buscar compreender suas dores. Somente a partir da obra *Assim Falou Zaratustra*, surge um filósofo desperto, seja por sua condição de saúde, amadurecido em relação a sua doença, em relação ao sofrimento e a dor, mas principalmente desperto pela Vontade de Potência. Nietzsche foi desperto à curiosidade científica, mas principalmente pelas artes, pela filosofia, pela reflexão e pela Vontade de Potência. Tornando-se um crítico contra uma sabedoria que esvazia o sentido da vida, para ele a forma decadente de pensar, o declínio da Potência começa com a ideologia do Sócrates platônico. Foi através da filosofia de Platão unida à doutrina religiosa que ocorreu a depreciação desta vida em detrimento de outra vida que deveria ser eterna ou, a ideal, o que culminou na ideologia religiosa de corpo e alma. Para Nietzsche só existe esse mundo e não tolerava a possibilidade de haver outra vida além desta, caracterizando um aspecto de sua moralidade. Nietzsche afirma:

Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido da fé na ciência pressupões, *afirma outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história; e na medida em que afirma esse “esse outro mundo” – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, nosso mundo? (NIETZSCHE, 2012, p. 210).

No início dos seus escritos, principalmente na obra *A Origem da tragédia*, sua filosofia apresenta-se como ideias em construção, havendo expressões das influências de Richard Wagner, de Schopenhauer e, até mesmo de Kant. Nesse primeiro momento encontra-se em uma fase obscura, em meio ao século considerado o século do pessimismo, pois este era o mal que assombrava a sociedade da época.

Já na segunda fase (Vide anexo A) em meio às turbulências da doença que o afligia, Nietzsche se isola e com esse isolamento ocorre um encontro de Nietzsche com ele mesmo. Desse isolamento surge Zaratustra da obra *Assim falou Zaratustra*, um homem que se isola do mundo para aprender a interpretar a natureza, compreender a si próprio, seus sentimentos, aos seus medos e, através da introspecção buscando compreender o mundo. Nesse momento de introspecção é que Nietzsche se defronta com a realidade da vida. Surgindo assim algo inspirador dentre as tempestades de dores e sofrimentos ele descobre que não há uma cura, apenas pequenas melhoras e pequenos momentos de felicidade. Mesmo com esse problema busca alento em sua dor, se entrega totalmente a doença para descobrir que pode superar, ele é despertado para a filosofia e para a vida. Descobre que precisa viver o agora, a vida presente com toda intensidade, não deixar ser limitado a sua existência. Segundo Nietzsche

Esse quê de deserto, exaustão, descrença, enregelamento na própria juventude, essa velhice interposta no lugar errado, essa tirania da dor, superada ainda pela tirania do orgulho que rejeitou as consequências da dor – e consequências são consolos-, esse radical para se resguardar de um desprezo aos homens que se tornara morbidamente clarividente, essa fundamental limitação ao que é amargo, acre, doloroso no conhecimento, prescrita pela náusea que pouco a pouco nasceu de uma incauta e complacente dieta espiritual - a que chamam de Romantismo -, quem poderia experimentar tudo isso como eu fiz? (NIETZSCHE, 2012, p. 9-10).

Para Nietzsche o que não pode ser visto, não pode ser comprovado a real existência, e ao se deixar de viver o agora acaba por se buscar um futuro incerto. A vida pode ser feita de erros e acertos, altos e baixos, tristezas e alegrias, dores e sofrimentos, trabalho, amor e ao se viver e sentir tudo isso é que o ser humano é capaz de dizer eu vivi. É o ser humano que deve comandar o seu destino sem medo de viver, pois só assim o ser humano é impulsionado a crescer, descobrir, se desenvolver, se superar e assim descobre a Vontade de Potência. Para Nietzsche

Por longo período o pensamento consciente foi tido como pensamento em absoluto: apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós; mas eu penso que tais impulsos que lutam entre si abem muito bem fazer-se sentidos e fazer mal

uns aos outros:- a violência e súbita exaustão que atinge todos os pensadores talvez tenha aí a sua origem (é a exaustão do campo de batalha). (NIETZSCHE, 2012, p. 196).

Nietzsche apresenta o pragmático tema da “morte de deus”, demonstrando que a religião aos poucos foi perdendo seu espaço, que deus não é mais o centro do mundo, mas a partir dali o ser humano e a vida é tornam-se esse centro. Deus era um valor absoluto que regia o mundo e que fundamentava as leis, mas com o iluminismo e a modernidade a humanidade toma novos rumos. Os conhecimentos científicos, intelectuais e as ciências naturais iniciam o processo da busca pela superação do ser humano. Surgem novas expectativas, que até então, não era permitido nem pensar livremente, a ciência considerada pelas religiões como algo profano, demoníaco, sendo que muitos que foram contra esse pensamento acabaram sendo excomungados da Igreja. Para Nietzsche a Vontade de Potência eleva o conhecimento, a reflexão humana, somos seres com capacidades e dons especiais, mas que depende do querer e do desejar para superar-se todos os dias. Nietzsche afirma

“A vida como meio de conhecimento” – com este princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até *viver e rir alegremente!* E quem saberá rir e viver bem, se não entender primeiramente da guerra e da vitória? (NIETZSCHE, 2012, p. 191).

Nos primórdios da humanidade o ser humano, por não compreender as leis da natureza, transformou ou criou mitos, lendas sobrenaturais, mágicas para tentar explicar e dominar essas leis. A crítica nietzschiana à religião²³ é que a religião se tornou a lei moral, pois se criou a ideia de um deus que exige da humanidade obediência e a prática do bem. O ser humano se torna preso a uma instituição norteada de regras que delimita a raça humana e sua existência. Essa instituição é que normatiza o que deve ser preferido, o que deve ser feito e de que forma, o que deve ser deixado de lado, que exalta a resignação do sofrimento como forma de liberdade, de purificação da vida terrena para encontrar a recompensa eterna. Em vez de liberdade o ser humano encontra limitações, torna-se fraco e necessitado de suporte, amparo, de esperança para sua existência. A religião apresenta-se para o ser humano como a presença de uma verdade absoluta e o auxílio na luta contra os infortúnios da vida.

²³ A crítica nietzschiana da religião refere-se ao cristianismo, ao Deus cristão. Para Nietzsche a religião é a expressão da decadência do homem, pois a religião limita a existência, limita a vida, limita o agir limita a liberdade. O cristão é ser ingênuo, submisso e atrasado, além de ser condicionado a esperança e ao sentimento de resignação, onde a explicação para suas enfermidades e sofrimentos o levam a encontrar conforto na ideia de que Deus assim o quer e, que por esse motivo haverá recompensa na vida além da terrena. O que torna o homem um ser fraco, delimitado na sua existência.

O tema da “morte de deus” Nietzsche traz a tona o termo niilismo, sendo que este não foi criado por Nietzsche. Mas que se torna objeto de suas reflexões filosóficas e que ganha uma expressão própria. Num primeiro momento o niilismo parece ser utilizado por Nietzsche como termo para criticar o vazio que a morte de deus trouxe para a humanidade, mas ao se analisar essa reflexão ela ganha uma expressão própria. Para Nietzsche o niilismo surge com a religião onde o ser humano renuncia a si mesmo para que valores superiores pudessem governar as suas ações, este é o niilismo passivo. O niilismo passivo é a falta de expectativas da Vontade de Potência onde o ser humano é administrado por renúncias, por não deixar que o homem evolua. O ser humano anula sua existência para esperar algo invisível, por algo surreal, como a vida pós-morte, esta considerada a única vida real e verdadeira pelos cristãos. O ser humano deixou-se iludir por algo que o tornou fraco, que o faz ser passivo e aceitar seu destino com algo de um querer divino, como que essa vida não tivesse sentido, por ser passageira. A vida que tem validade é a eterna ao lado de um deus que acalmará as dores e os sofrimentos. O ser humano se prende a algo invisível, em meio às esperanças de que existe um mundo melhor, um mundo de recompensas, por esse motivo se esquece de viver, de transformar a sua passagem de forma que sua vida seja algo bom, inigualável. Para Nietzsche

[...] - hoje gostam de chamá-la *la verité vraie* [a verdadeira verdade]-), ou no niilismo segundo o modelo de São Petersburgo (isto é, na crença na descença, até chegar ao martírio por ela), sempre mostra, acima de tudo, a *necessidade* de fé, de apoio, amparo, espinha dorsal... A fé sempre é mais desejada, mais urgentemente necessitada, quando falta à vontade: pois a vontade é, enquanto afeto de comando, o decisivo emblema da soberania e da força. (NIETZSCHE, 2012, p. 214).

Para Nietzsche a vida terrena é a que deve ser vivida e com toda intensidade, é a certa e única. O ser humano por ser fraco acaba deixando ser dominado por seus medos, mas principalmente por medo da vida. Entrega-se facilmente às ideias de algo que parece explicar ou tenta explicar sua vida. Por esse motivo, a humanidade está nessa decadência e limitou muito o conhecimento do ser humano. A modernidade, a guerra, a destruição transformou o homem em um ser pessimista e com medo de seguir a vida por caminhos desconhecidos. A Vontade de Potência é a vida de forma integral é a força que eleva o ser humano a buscar mais que sobrevivência, buscar sua existência de forma completa. E a morte seria apenas a ausência de Vontade de Potência.

3.3 A condição humana diante da Vontade de Potência e o super-homem

Um ser humano superior ou o super-homem é um ser que constrói a sua existência sem deixar de viver. O super-homem não é imortal, mas não se deixa atingir por sua mortalidade, não tem super poderes, mas é capaz de apoderar-se de sua vida, de dominar o que está ao alcance da sua realidade, que estuda o que ainda está oculto e desconhecido, mas sem buscar verdades absolutas. Não deixa de temer o desconhecido, mas ao mesmo tempo não paralisa e não se torna inerte em virtude de suas dificuldades, diante dos obstáculos encontrados, sabe reagir e constrói estratégias para cada etapa da sua vida. O super-homem²⁴ aquele que sabe que não existe uma verdade absoluta, sabe que é colocado à prova em toda sua existência. A vida é luta dura, mas que se usar a sua Vontade de Potência ao máximo poderá encontrar muito mais do que espera. Não vive para lamentar sua condição de vida, sua condição de saúde, lamentar sua existência. Para Nietzsche

A luta pela existência é apenas uma exceção, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de potência, que é justamente de vida. (NIETZSCHE, 2012, p.217).

O super-homem é o que emerge do seu autoconhecer, das manifestações dos seus atos, das suas atitudes, o senhor da sua verdade. É aquele que reconhece a sua finitude, mas que luta para prolongar sua existência. Para Nietzsche o ser humano só será o super-homem no momento em que souber lidar com a sua liberdade, ou a falta dela, quando for capaz de lidar com rejeições, quando não tiver medo das mudanças. Quando souber lidar com a dor, com seus medos, quando souber administrar seus sentimentos, principalmente aversão e ódio, quando conseguir diferenciar o amor e a paixão, quando conseguir confiar em si e assim assumir uma postura para confiar no outro, quando souber livra-se do seu próprio lado sombrio e pessimista sem medo se decepcionar por suas próprias ações. Para Nietzsche

O conhecimento se tornou então parte da vida mesma e, enquanto vida um poder em contínuo crescimento: até que os conhecimentos e os antiquíssimos erros fundamentais acabaram por se chocar, os dois sendo vida, os dois sendo poder, os dois no mesmo homem. O pensador: eis agora o ser no qual o impulso para a verdade e os erros conservadores da vida travam sua primeira luta, depois que também o impulso à verdade provou ser um poder conservador da vida. Ante a importância dessa luta todo o resto é indiferente: a derradeira questão sobre as condições da vida é colocada, e faz-se a primeira tentativa de responder a essa questão com o experimento, até que ponto a verdade suporta ser incorporada? (NIETZSCHE, 2012, p. 129).

²⁴ Optou-se utilizar a interpretação segundo Müller sobre o tema Super-homem de Nietzsche onde encontra-se o ser superior aos demais homens e não a humanidade, aquele que consegue superar-se como ser humano. Mas encontram-se outras interpretações como: além do homem, além do humano...

Só o ser humano que tem coragem de se entregar para vida será capaz de ser completo, sentir-se confiante e sem medo de viver várias vezes o que já viveu. Nietzsche apresenta outro tema que é conhecido como o “eterno retorno”, viver muitas vezes a mesma vida, os mesmos sentimentos, não com o sentido de dever cumprido, mas pelo fato de se sentir vivo, de sentir que realmente viveu e que desfrutou de sua existência, como quem apreciou os momentos bons e ruins como forma de aprendizagem, como vida.

Segundo a psicanálise freudiana²⁵ o eterno retorno está relacionado pela existência da compulsão à repetição, ou seja, “repetição do novo”, onde o ser humano busca constantemente por significações, pelo motivo que a sua linguagem não atinge a totalidade, portanto a significação da linguagem é falha. No momento em que se descobre que conhece algo, imediatamente pensa-se que esse algo é um significado verdadeiro e absoluto, mas ao se analisar e questionar pode ser encontrado obstáculos, ou dificuldade de manter esse conhecimento como a verdade absoluta. Ao se questionar, ao refletir filosoficamente acaba encontrando outras respostas, que acaba eliminando o atual conhecer, passa-se a ter dúvidas que o significado anterior seja verdadeiro. Para Nietzsche o eterno retorno está relacionado a essa significação constante onde o ser humano busca a significação pelo novo. Para Nietzsche

O familiar é o habitual; e o habitual é o mais difícil de “conhecer”, isto é, de ver como o problema, como alheio, distante, “fora de nós”... A grande segurança das ciências naturais, em relação à psicologia e a crítica dos elementos da consciência – ciências *não naturais*, poderíamos talvez disser –, reside justamente no fato de tomarem o *estranho* por objeto: enquanto é quase contraditório e absurdo querer tomar por objeto o não estranho... (NIETZSCHE, 2012, p. 224).

Assim, para o ser humano há muitas questões, que acabam distorcendo ou levando às objeções sobre o que realmente se conhece ou o que é a verdade absoluta. Questões essas como o que é liberdade, como lidar com ela, questões sobre a vida, a morte e pós-morte, velhice, solidão, doença, amor, prazer, dor e inúmeros sentimentos. Se algo conhecido é conhecido porque o faz lembrar-se de algo ou alguém, ou ainda se esse algo ou alguém era tão especial que se está preso a essas lembranças. Na realidade há muito mais a se conhecer do ser humano, mas é impossível conhecimento total e absoluto. Para Nietzsche o ser humano só pode se superar no momento em que buscar primeiramente a compreensão de si mesmo, compreensão do mundo que cerca buscando compreender sua relação com o espaço, com o

²⁵ Segundo Freud o eterno retorno faz referência ao ser humano que tem compulsão pelo novo, ou seja, buscar sempre novos significados, novas interpretações. *Freud Obras completas v.17. Inibição, Sintoma e Angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos 1926-1925*. Tradução Paulo Cesar de Souza. Ed. Companhia das letras. Disponível em: < <https://books?isbn=854380003x> >.

tempo e a relação de tempo em relação a si mesmo. O ser humano deve ser capaz de abrir-se para a compreensão, para a interpretação do mundo sem receios, sem medos, sem preconceitos, sem crenças, apenas viver a sua existência e a relação da vida, da sua realidade, do momento em questão, do seu contexto de vida, ou seja, do aqui e agora. Nietzsche apresenta

O mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*. (NIETZSCHE, 2012, p. 251).

O ser existente que se relaciona e, que é relacionado que está inserido ou, se insere em determinado contexto histórico com outras vidas, com outras Vontades de Potência. São seres humanos que se relacionam e, ao mesmo tempo, que possuem vida, possuem problemas, dificuldades, são felizes ou infelizes. Portanto, uns com mais Vontade de Potência que outros e que ao interagirem pode haver intensificação dessa Vontade ou não. O ser humano não se compreende a si mesmo, pois é movido por medos, em especial pelos medos dos seus sentimentos, dos seus instintos naturais. O ser humano tem medo de ser mal por sentir raiva, ódio, aversão, tem medo de amar demais. O ser humano é acometido por angústias que o assombra, por não se capaz de responder a si todas essas questões. Para Nietzsche o ser humano deve viver a vida buscando compreender, mas sem procurar a verdade absoluta, mas respostas que consiga satisfazer sua curiosidade e sua necessidade. Se existe uma verdade absoluta o ser humano está longe de encontrá-la, pois os tempos mudam a sociedade, a humanidade e as condições também mudam e nada é igual ao ontem, nada será igual ao amanhã. Tudo está em constante mudança e isso é que faz o ser humano se mover, criar, se desenvolvendo e despertando-se para a vida. Nietzsche afirma

Não temos nenhum órgão para o *conhecer*, para a “verdade”: nós “sabemos” (ou cremos, ou imaginamos) exatamente tanto quanto pode ser útil ao interesse da grege humana, da espécie: e mesmo o que se chama de “utilidade”, é, afinal, uma crença uma imaginação e, talvez, precisamente a fatídica estupidez da qual um dia pereceremos. (NIETZSCHE, 2012, p. 223-224)

Como as mudanças para alguns assustam, para outros a mesmice também pode assustar. Ao passo que quando há obstáculos na vida e esses podem ser mais ou, menos difíceis podem causar dor e medo, para outros se não houver esses obstáculos à vida não há sentido, encontram o medo, e a estranheza de a vida ser fácil demais e, a vida acabar sem sentido para atingir seus objetivos. Ocorre a estranheza que não conseguiu atingir o seu

objetivo completo, não havendo um ganho ou, crescimento na sua existência. Por outro lado existe os que querem tudo de forma fácil, sem precisar lutar, sem brigar, sem precisar superar obstáculos existem os que desistem fácil, os que se acomodam, acovardam-se diante da vida.

O ser humano tem instintos naturais e humanos, o ser humano é demasiadamente humano, esses instintos foram castrados ao longo da sua existência, principalmente através da religião. O ser humano vivendo em sociedade, vivendo sob os dogmas religiosos através da moral e da ética luta contra seus instintos, principalmente contra seus sentimentos. O que torna o ser humano confuso é porque possui instintos e sentimentos, mas que não podem ser expressos, demonstrados livremente na sociedade. Muitas vezes esses sentimentos são tão reprimidos que acabam despertando novos sentimentos ou ilusões. Como ao suprir uma paixão não correspondida por ódio, aversão. Nietzsche cria uma imagem de que a pessoa amada em algum momento demonstrou algum interesse por sua pessoa e que na realidade poderia ser a imagem do filósofo que a interessava. Porque Nietzsche está inserido num contexto onde a mulher era considerada um objeto. Nietzsche apresenta

Cobiça e amor: que sentimentos diversos evocam essas duas palavras em nós! – e poderia, no entanto, ser o mesmo impulso que recebe dois nomes; uma vez difamado do ponto de vista dos que já possuem, nos quais ele alcançou alguma calma e que temem por sua “posse”; a outra vez do ponto de vista dos insatisfeitos, sedentos, e por isso glorificado como “bom”. Nosso amor ao próximo – não é ele uma ânsia por nova propriedade? E igualmente o nosso amor ao saber à verdade, e toda ânsia por novidade? [...] (NIETZSCHE, 2012, p. 63).

O medo de manifestar sentimentos pode confundir porque a moral impõe como algo impróprio, mas o ser em questão sente que não deveria ter esses sentimentos, tem medo de ser mal, de ser considerado anormal por ter sentimentos negativos, o que é imposto é que os sentimentos positivos é que são certos. Mas ao mesmo tempo não pode ser demonstrado demais os sentimentos bons, pois pode ser considerado trua, de ser traído ou se decepcionar. O ser humano tem medo de interpretar a própria vida. Pois se o deus cristão coloca que devemos ser punidos pelos erros, pelos pecados, pelos instintos, pelos sentimentos, porque haveria de criar seres imperfeitos e com instintos, impulsos. Há uma turbulência moral e psicológica que confunde o ser humano em sua existência, por isso Nietzsche apresenta o super-homem que é aquele que consegue superar-se através da compreensão dos seus próprios sentimentos. Que consegue compreender que se é humano, que é sucessível ao erro e a imperfeição, mas que ao mesmo tempo é capaz de aprender com seus erros e que pode sim errar novamente. Mas que acima de tudo consegue viver sem o medo de errar ou acertar, que se é humano e não seres divinos. Para Nietzsche, a verdade é interpretação, ou seja, uma

construção humana. O ser constrói as suas verdades, através da interpretação, porque aceita o seu lugar de criador.

A partir do momento em que o ser humano assume o seu papel de criador descobre que é capaz de destruir, de romper com o passado, criar uma nova página para o futuro e reconstruir sua existência. Para Nietzsche a partir da “morte de deus” é que ocorreu a construção da Vontade de Potência. A “morte de deus” representa a libertação de velhos preconceitos, das velhas ideologias, ruptura das falsas moralidades. A partir desse momento é que o ser humano começa a buscar a compreensão de sua existência, torna-se o centro do mundo. É o momento para conseguir se distanciar de tudo que sempre o influenciou e, descobrir que é capaz de experienciar algo novo, descobrir novos conceitos. Onde ele descobre que o querer está acima de qualquer outra coisa. Que o ser humano pode ser mau, sem ser mau, que as suas ideologias transformaram o mundo em hipocrisia. Que o ser humano não é perfeito, que a verdade é criação humana e que tudo o que o ser humano criou pode ser mentira. Que a dor e as coisas ruins podem transformar o sofrimento em Vontade de Potência e que ela pode se tornar num conhecimento, aperfeiçoamento, mas principalmente como forma de compreensão da existência. Descobre-se que é parte de uma existência que foi negada, que a vida até então era algo banal, que aos poucos ela tornou-se sem importância, apenas vive-se para manter-se de pé, até que deus queira. Que haverá recompensas após a morte, que essa é a vida digna e esperada por muitos.

Mas a partir da “morte de deus” descobre-se que a vida é muito valiosa e que a sobrevivência é muito além das necessidades fisiológicas, mas como forma de marcar a existência e a passagem terrena. Existe a luta de se constituir como ser existente, ser pensante e acima de tudo ser criador. Através da trajetória de sua Filosofia Niilista, Nietzsche buscou transformar a sua doença em algo construtivo para a filosofia, deixando uma nova forma de superação do ser humano, ao longo da história da humanidade, entre altos e baixos, o ser humano é visto como aquele que pode ser fraco, mas que se desejar mesmo, é forte o bastante para alcançar os seus objetivos ou sonhos. O ser humano pode ser criativo e que ao mesmo tempo não põe pra fora toda essa criatividade. É um ser que se reprime, tem medos demais e busca de menos, que é bom, se compadece, mas que pode ser vil, cruel e vingativo. E quando enfraquece acaba por criar ídolos, novos deus, apegando-se a algo que pode transformá-lo em escravo novamente. O Ser humano é possuidor de Vontade de Potência, mas não dá a devida valorização a ela.

Através do conceito da “morte de deus” que Nietzsche consegue se libertar das suas crenças, pois a religião estava muito presente, incorporada ao seu modo de agir e pensar. Até então Nietzsche buscava ser diferente, buscava reflexões que pudessem tirá-lo da mesmice e da velha moralidade que o cercava, mas suas reflexões acabavam caindo no mesmo modo ele que ele abominava. A partir de suas reflexões sobre a forma como o ser humano moderno está vivendo e voltando-se para outras formas, ou coisas da vida, Nietzsche teve certeza de que esse deus não poderia ser real ou verdadeiro. Nietzsche descobre que o que rege o ser humano são os desejos, os sentimentos e que se esses são trancafiados, surge a incerteza, a insegurança em relação à vida, a sua existência. O ser humano precisa de segurança por esse motivo ele precisa amar-se a si, amar ao seu destino e, buscar o novo de tal forma que possa despertar o seu prazer. O ser humano no momento que descobre a sua força se desperta para a vida.

O conceito da “morte de deus” é apresentado também como forma da libertação da modernidade e do filósofo dos velhos valores, é uma nova maneira de colocar que tudo pode ser substituído que tudo está ultrapassado que as exigências com o passar dos tempos, são outras. Que tudo o que se considerava verdade aos poucos essas verdades foram derrubadas por outras verdades e que ainda poderão ser derrubadas por outras ainda nem descobertas. Mas o certo é que a vida é acima de tudo um bem preciso, e que o ser humano busca compreendê-la para que possa colaborar, para que a Vontade de Potência se intensifique e que a vida seja preservada.

É através do profeta Zaratustra que Nietzsche anuncia uma nova forma de ver o mundo, onde ele iniciou o processo de derrubada das velhas ideologias que foram impostas a ele mesmo antes de seu nascimento. Na obra *Assim falou Zaratustra* com o conceito da “morte de deus” é que Nietzsche inicia sua ruptura com a religião, iniciando o processo de libertação das suas velhas ideologias ocorrendo uma melhor interpretação da existência, da vida, ou seja, da Vontade de Potência. Nietzsche escreve uma nova página para a história da humanidade e para a busca pela compreensão da vida humana. Só a partir daí, é que se percebeu o quanto a existência é única e, o ser humano reaprendeu a conservar a vida, aprendeu a dominar o seu destino, buscando novas formas para prolongar a sua estadia no mundo. Nietzsche inicia um “culto” a seu ser ao seu existir, busca compreender o seu corpo, a sua “alma”, as suas dores, e o mundo para que possa tornar ou contornar a sua existência da maneira que ele gostaria e queria não da forma como os outros assim o queriam.

Através do conceito da “morte de deus” Nietzsche demonstra sua superação inicia o processo de libertação das suas velhas ideologias e torna-se um crítico da religião e da

moralidade. Para Nietzsche foi à religião e as moralidades que enfraqueceram os seres humanos e a Vontade de Potência. Por esse motivo é que se deixou de aproveitar os prazeres da vida. O medo delimitou muito a existência, delimitou o autoconhecimento, os sentimentos. Nos tempos atuais como o mundo mudou, as pessoas mudaram os pensamentos, os acontecimentos, as descobertas, as curiosidades, não cabem mais as mesmas e velhas ideologias, os mesmos valores morais, isso tudo não pertence mais há esse tempo e, a essa realidade. Em cada tempo existe a sua história e as suas particularidades.

O tema Vontade de Potência é uma reflexão filosófica que perpassa todas as obras de Nietzsche desde a primeira fase da sua Filosofia Niilista até a terceira e última fase, através da obra póstuma. É o tema que despertou suas reflexões filosóficas e, seus temas, seus conceitos tornaram-se antídoto para derrubar suas dores, mas acima de tudo é a fórmula para sua própria superação. É através da dor que Nietzsche conseguiu uma nova fórmula para buscar vida, buscar Vontade de Potência. Através da busca pela Vontade de Potência Nietzsche transforma o sentido da existência humana.

Para Nietzsche Vontade de Potência é existência, é a vida compreendida de forma real e imediata. É a vida sem simulações, sem verdades absolutas em que as verdades são construídas e superadas todos os dias. É onde o ser humano busca viver e despertar-se para ela de forma integral, sem limitações, sem medo de viver, de sentir ou medo de arriscar. Sem e com medo de ser mortal, mas sem medo de correr atrás de seus objetivos, sem medo de sentir e extravasar. Vontade de Potência é vida que pulsa a mola propulsora do ser humano, onde o ser humano se descobre pra existência, não como mero sobrevivente, mas como o ser dominante. Aquele que é capaz de se modificar, criar e transformar o seu mundo de forma que sua vida não passe como um mero acaso no mundo. É através da Vontade de Potência que se é ser humano que busca acima de tudo buscar algo melhor para a existência, algo que consiga completá-lo como ser existente.

É uma busca constante pela libertação das velhas ideias, dos antigos conceitos e das falsas ideologias para que se tornar senhor do seu destino e, que consiga nova concepção de ser humano maduro e consciente capaz de compreender que a vida só é vida enquanto se aprende a viver e não ao negá-la. Ela é a Vida onde o ser humano encontra complementação, superação, deixando suas queixas e dores para trás, mas principalmente quando deixa de ter pena de si. A Vontade de Potência é a vida que cada um quer construir para si mesmo e para aqueles que ama.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche incorporou uma grande bagagem de influências para sua Filosofia Niilista, mas ao mesmo tempo pode se observar um amadurecimento e a transformação dessas influências em reflexões filosóficas profundas durante as três fases de seu pensamento. Nietzsche é um filósofo enigmático e, transformou sua dor e o sofrimento em algo construtivo, que se destaca continuamente nos dias atuais. Nietzsche era filho de uma família muito religiosa, educado através de preceitos religiosos, era possuidor de preconceitos como todo ser humano, mas sentia que poderia existir um sentido maior pra existência humana.

Nietzsche vive uma época vislumbrada pelo pessimismo, de que a vida não tinha muito sentido, a vida era negada em diversos sentidos. Para ele tudo está ligado ao que o próprio ser humano criou delimitando a sua própria vida por medo do desconhecido, por medo de pensar e conviver com a morte. O ser humano restringiu a sua existência a um ser que não há provas de sua existência, delimitou, criou regras, normas, conceitos e preconceitos, falsas moralidades que a sociedade assumiu ou incorporou como ideal correto, mas com o passar dos anos e com os avanços passaram a não ter mais sentido. Ele próprio se encontrava muito preso a essas velhas regras e ele só consegue se libertar delas quando sentiu que a morte podia estar próxima. Nesse momento, através da doença e de suas reflexões é que Nietzsche descobre-se para a vida, descobre que a vida é Vontade de Potência.

Vontade de Potência é a vida que foge da decadência e dos valores tradicionais que paralisam os seres humanos. Ela é a força criadora que permite o ser humano ser o construtor da sua história, do seu futuro. Força esta, que faz o ser humano buscar crescimento, que faz o errar e acertar, que o faz ter consciência de si e dos seus sentimentos. É a força vital que é destinada a prorrogação da vida e conservação de sua espécie. É a vida ou o viver numa constante superação de si, de suas ideias, sentimentos, instintos, preconceitos, ou seja, é o tornar-se dono do seu destino. Só o ser humano tem o amor *fati*, quem ama o seu destino é capaz de tornar-se senhor dele, superando a cada dia, a cada momento tornando um super-homem livre de opiniões formadas, aberto para novas experiências, novas discussões novas observações.

Um ser humano que não aceita tudo por ser dessa forma ou porque as coisas sempre foram apresentadas de uma determinada forma, é aquele que não aceita as verdades como absolutas, que não esmorece na busca da compreensão do sentido do presente, mas com uma visão para o futuro. O ser humano se compreende como o criador, que ele é capaz de

transformar os sentidos das palavras, o sentido do mundo, da arte, da vida. Nietzsche só consegue se compreender como ser humano, como parte do mundo a partir do momento que ele consegue se libertar dos dogmas e das crenças religiosas, representando esse momento através do tema a morte de deus. Compreende que ele é um criador e, não uma mera criatura, o que ele precisa para se manter vivo é viver intensamente sem medo, sem limitações, que é capaz de criar conceitos, de dar sentido à vida. A Vontade de Potência é a vida que queremos construir, é o mundo que construímos e que será deixado para as próximas gerações. Vida que interage com o mundo real, que é vivida e, dividida com outros iguais e que ao mesmo tempo são diferentes. Mas que pode ser exemplo a ser seguido e que a as novas gerações possam seguir e contemplar novos ideais. Nietzsche busca um meio para sua superação, para derrubar os seus próprios tabus e não sucumbir à morte. A cada nota, em cada linha de suas obras Nietzsche transforma em vida a Vontade de Potência.

A Vontade de Potência é o conceito basilar de toda a Filosofia Niilista de Nietzsche. Este conceito perpassa todas as suas obras e tem uma pequena variação conforme as fases, porque a sua concepção pode ser o resultado de uma série de fatores internos ou externos que influenciaram, seja a família, a religião, o pessimismo, as perdas, a filosofia grega, a filosofia de Schopenhauer ou a própria doença. O certo é que Nietzsche transformou a Vontade de Potência em reflexões filosóficas, uma busca para encontrar a essência da vida e da superação humana.

Na primeira obra *A Origem da Tragédia Proveniente do Espírito da Música* Nietzsche apresenta o trágico como força criativa e interpreta como um valor positivo associando-o ao conceito de Vontade de Potência. Força criativa que valoriza a vida que torna o ser humano consciente de sua condição humana. É um meio de despertar o ser humano para a realidade da vida do aqui e agora. Através do trágico o ser humano é sacudido e impulsionado encontrar a vida, buscar a vida. Na obra *A Gaia Ciência* Nietzsche apresenta a Vontade de Potência através da poesia, pois quem consegue escrever e ouvir a beleza numa poesia é aquele que consegue olhar para dentro de si mesmo, consegue se interpretar ouvir e compreender-se. Descobre-se como ser vivo, que tem sentimentos e dores, mas acima de tudo vive. Só assim o ser humano é capaz de lamentar-se pelos infortúnios da vida, por suas doenças e problemas e buscar as devidas soluções. E na terceira obra *Assim Falou Zaratustra* Nietzsche apresenta a superação do ser humano através do tema a “morte de deus”, pois com a modernidade o ser humano foi esquecendo-se e libertando-se dos dogmas religiosos. Os tempos são outros, os valores passaram a seguir novos referenciais e uma nova forma de ver e viver a vida. A

Vontade de Potência é vida: essência e necessidade para a existência humana, pois é um ser criador, pensante que sabe amar e acima de tudo busca superação a cada dia para construir um futuro e uma vida melhor para si e aos que ama.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jair. Nietzsche e Wagner: caminhos e descaminhos na concepção do trágico. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v. 1, n. 2, p. 53-70. 2º semestre, 2008.

APOLINÁRIO, José Antônio Feitosa. As andanças do homem superior em Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, 28. p. 263- 295, 2011. Disponível em: < <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/> >. Acesso em: 08 jun. 2015.

ARALDI, Claudemir Luís. Nietzsche como crítico da moral. Pelotas, 2013. *Série Dissertatio - Filosofia*. Disponível em: < <http://nepfil.ufpel.edu.br/dissertation/acervo-livro10.php> >. Acesso em: 06 Jan. 2015.

_____. Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v.1 n. 2, p. 429-434, jul./dez. 2010. Disponível em: < www2.pucpr.br/reol/index.php/ESTUDOSNIETZSCHE?dd1=5032&dd99=pdfRS >. Acesso em: 13 fev. 2015.

_____. *Vontade de Potência e a naturalização da moral*. Disponível em: < <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/item/download/181> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

BAGGIO, Giomar. *Vontade de Poder em Nietzsche*. Canoas, 2009. Disponível em: < biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/filosofia.../2009/gbaggio.pdf >. Acesso em: 21 abr. 2016.

BILATE, Danilo. Nietzsche, niilismo e verdade. *Revista Exagium*, v. II, ago. 2008. Disponível em: < <http://www.revistaexagium.com> >. Acesso em: 13 out. 2015.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *Nietzsche: Niilismo e genealogia moral*. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67598> >. Acesso em: 16 set. 2015.
BRAZIL, Luciano Gomes. Considerações acerca do conceito de Vontade de Poder. *Griot-Revista de Filosofia*, Amargosa: Bahia, v. 5, n.1, p. 67-84, jun. 2012.

CALÇADO, Thiago. *Doença: Sofrimento e vida nas filosofias de Friedrich Nietzsche e Blaise PASCAL*, Marília São Paulo, 2009. Disponível em: <

[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/.../calcado_t_me_mar.pd...>](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/.../calcado_t_me_mar.pd...)
Acesso em: 06 mar. 2015.

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v. 1, n.2. p. 93-112, 2º semestre, 2008.

CAMARGO, Gustavo Arantes. Relação entre justiça e moral no pensamento de Nietzsche. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 2, n.1, p. 79-97, jan./jun. 2011.

CAVALCANTI, Anna Hartmann de. Nietzsche e Wagner: arte e renovação da cultura. *Psicanálise & Barroco em revista*, v. 9, n.2, 101-116, dez. 2011. Disponível em: < www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/18/P&Brev18Cavalcanti.pdf >. Acesso em: 13 jan. 2014.

DE ALMEIDA, Rogério Miranda. Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Loyola, 20. *Revista Filos.* v.19, nº 24, p. 205-209, jan./jun. 2007.

DE PAULA, Wander Andrade. Nietzsche, Sócrates e a noção de “vontade” em O nascimento da tragédia. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*. v. 2, n. 1, p. 94-113, 1º semestre, 2009.

DIAS, Rosa Maria. A influência de Schopenhauer na Filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia. *Cadernos Nietzsche*, 3, p. 07-21, 1997. Disponível em: < <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/> >. Acesso em: 05 jun. 2015.

FIANCO, Francisco. Eterno retorno e vontade de poder: metafísica ou metapsicologia? *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v. 2, n.1, p. 38-48, 1º semestre, 2009.

HARA, Tony. Dançar no dorso das ondas, Nietzsche e a arte de viver. *Verve*, n. 18, p. 119-139, 2010. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br> > Capa > n. 18 (2010) > Hara >. Acesso em: 08 jun. 2014.

JÚNIOR, Oswaldo Giocoia. Amor *dei* e Amor *fati*. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 75-94, 2011.

KARASEK, Felipe. Szyszka. *Uma Filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche*. Porto Alegre, 2011. Disponível em: < <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/.../000431136-Texto%2BCompleto-0.pdf> >
Acesso em: 06 mar. 2014.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da Vontade de Potência em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giocaia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. Décadence artística enquanto decadence filiológica: a propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. Tradução Scarlett Marton. *Cadernos Nietzsche*, 6, p. 11-30, 1999. Disponível em < www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/item/download/30 Décadence artística enquanto >. Acesso em: 05 abr. 2015.

_____. Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua Filosofia. São Paulo: Editora: Da Unifesp, 2009. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 2, p. 303-311, jul./dez. 2011. Disponível em: < projetos.unioeste.br/pos/media/File/filosofia/Felipe_Renan_Jacubowski.pdf > . Acesso em: 13 jun. 2014

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução: Paulo César de Souza. Pau São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A Vontade de Potência*. Tradução: Francisco José Dias de Moraes e Marco Sinesio Pereira Fernandes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *A Origem da Tragédia*: proveniente do Espírito da Música. Tradução: Erwin Theodor. São Paulo: Madras, 2006. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org>. > Acesso em: 19 jan.2015.

OLIVEIRA: Sidnei de. A metafísica da música em Schopenhauer e Richard Wagner. *Revista Estudos Filosóficos*, n.10. p. 40-53. São João del Rei-MG, 2013. Disponível em: < <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> > Acesso em: 13 jun. 2015.

OSELAME, Valmor Luiz. *A Vontade de Poder é incremento da vida – e nada mais!*- na filosofia de Nietzsche. Porto Alegre, 2006. Disponível em: < http://www.livrosgratis.com.br/.../a_vontade_de_poder_e_incremento_da_vida_e_nada_...>. Acesso em: 13 jun. 2015.

PEREIRA, Rafael Rodrigues. A importância da ubiquidade de Vontade de Potência para o perspectivismo de Nietzsche. *Análogos*. PUC, Rio de Janeiro, p. 200-205.

PINTO, Rodrigo de Souza Dantas Mendonça. Nietzsche e A gaia ciência. *Filósofos*. v. 4, p. 87-103, jan./jun.1999.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Tradução Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SALAGUARDA, Jörg. A última fase de surgimento de A Gaia Ciência. Tradução: Barbara Salaguarda e Oswaldo Giocoia Júnior. *Cadernos Nietzsche*. 6, p.75-93, 1999. Disponível em: < <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/.../35-a-última-fase-de-surgimento-de-a-gaia-ciênc...Através de uma análise do process> >. Acesso em: 02 mar. 2016.

_____. A concepção básica de Zarathustra. *Cadernos Nietzsche*, 2, p. 17-39, 1997.

SANTOS, Katia Cilene da Silva. Os graus de negação da Vontade e liberdade na Filosofia de Schopenhauer. *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, v.1, n 2, p. 33-47, 2º semestre, 2010. Disponível em: < http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v1-n2-3-santos_katia. >. Acesso em: 06 abr. 2016.

SILVA. Anildo de Souza. A vontade de sobrevivência segundo Nietzsche condição necessária para a racionalidade e o autoconhecimento do homem. *Filosofando: revista de filosofia da UESB*, ano 1, nº 2, p. 35-52, jan./jul. 2013.

VIANA, Nildo. Nietzsche, vontade de potência e irracionalismo. *Fragmentos da Cultura: Goiana*. V. 20, n 9/10, p. 569-589, set./out. 2010. <b3fica+I,2854911.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2014.

6 ANEXOS A

A filosofia de Nietzsche em três fases: 1870 a 1876 / 1876 a 1882 e 1882 a 1889

1872 - O Nascimento da Tragédia, ou o Helenismo e o Pessimismo;	}	1ª fase.
1873 - David Strauss, o Confessor e o Escritor;		
1874 - Dos Usos e Desvantagens da História Para a Vida;		
1874 - Schopenhauer Como Educador;		
1876 - Richard Wagner em Bayreuth;		
1876 - Considerações Extemporâneas;		
1878 - Humano, Demasiado Humano, um Livro para Espíritos Livres;	}	2ª fase.
1881 - Aurora, Reflexões sobre Preconceitos Morais;		
1882 - A Gaia Ciência;		
1885 - Assim Falou Zaratustra, um Livro para Todos e para Ninguém;	}	3ª fase.
1886 - Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma Filosofia do Futuro;		
1887 - Genealogia da Moral, uma Polêmica;		
1888 - O Caso Wagner, um Problema para Músicos;		
1888 - Nietzsche contra Wagner		
1888 - O Anticristo - Maldição contra o Cristianismo;		
1888 - O Crepúsculo dos Ídolos, ou como Filosofar com o Martelo;		
1888 - Ecce Homo - autobiografia		
Obras Póstumas (Vontade de Poder e escritos menores).	}	Póstumas
Doença: 1873 (diagnóstico), 1879 (sintomas/afastamento), 1887 (agravamento) e 1889 (crise).		

Fonte: ROANI, A. *Apostila de História da Filosofia Contemporânea*. UFFS.